

ROMEU E JULIETA

WILLIAM SHAKESPEARE

ROMEU E JULIETA

Adaptação e apresentação
ISABEL DE LORENZO

Supervisão
FRANCISCO ACHCAR

CERED
Editora SOL
São Paulo 1997

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
ROMEU E JULIETA	17
PERSONAGENS	18
PRÓLOGO	19
PRIMEIRO ATO	20
Cena 1	20
Cena 2	27
Cena 3	30
Cena 4	33
Cena 5	36
SEGUNDO ATO	41
Cena 1	41
Cena 2	43
Cena 3	49
Cena 4	52
Cena 5	59
Cena 6	62
TERCEIRO ATO	64
Cena 1	64
Cena 2	71
Cena 3	76
Cena 4	82
Cena 5	84
QUARTO ATO	92
Cena 1	92
Cena 2	96
Cena 3	98
Cena 4	100
Cena 5	102
QUINTO ATO	107
Cena 1	107
Cena 2	110
Cena 3	112

APRESENTAÇÃO

Isabel De Lorenzo

1. VIDA E OBRA DE SHAKESPEARE

Vida

William Shakespeare é um dos maiores dramaturgos do mundo e o mais famoso autor inglês de todos os tempos. Viveu na Inglaterra no século XVI, e até hoje muito pouca certeza se tem sobre os acontecimentos de sua vida, pois são escassos os documentos e arquivos do período que mencionam seu nome. Sabe-se que nasceu em 23 de abril de 1564 na cidade de Stratford-on-Avon, filho de John Shakespeare, um artesão bem sucedido, e de Mary Arden. Frequentou escola durante algum tempo, até que a ruína financeira do pai o obrigou a interromper os estudos e começar a trabalhar, por volta dos doze anos de idade. Em 1582 casou-se com Ann Hathaway, com quem teve três filhos: em 1583 nasce a filha Susanna, em 1585 nascem os gêmeos Judith e Hamnet. Nenhum documento indica seu paradeiro nos anos sucessivos, mas há conjecturas de que tenha sido aprendiz de açougueiro, foragido da lei, ou ainda, com maior probabilidade, mestre-escola. Mas é certo que, em 1592, tendo deixado a cidade natal, encontrava-se em Londres, trabalhando já como ator e dramaturgo.

Na capital inglesa, Shakespeare atuou, escreveu e dirigiu peças teatrais para as maiores companhias da época, como a “Lord Chamberlain's Men” e a “The King's Men”, à qual se associou. Esta companhia veio a se tornar, graças à sua participação, o mais famoso dos grupos teatrais de Londres. Shakespeare obteve grande

reconhecimento e fama como dramaturgo, e alcançou também certa prosperidade econômica, podendo, assim, a julgar pelos arquivos dos elencos das peças, deixar de trabalhar como ator. Sabe-se que em 1597 comprou uma grande casa para viver com sua família.

Afastou-se do teatro por volta de 1613 e morreu aos cinquenta e dois anos de idade, em 23 de abril de 1616, poucos dias após firmar seu testamento, sem que haja qualquer registro da causa de sua morte.

Obras

Shakespeare publicou em vida dois poemas narrativos — *Vênus e Adônis* e *O rapto de Lucrecia* — e um conjunto de cento e cinquenta e quatro *Sonetos*, ainda hoje considerados dos mais belos de toda a poesia universal. Porém, jamais publicou qualquer de suas peças. Somente em 1623, sete anos após sua morte, sua obra completa foi editada pela primeira vez, graças ao trabalho de dois amigos seus que compilaram trinta e sete peças, além dos dois poemas narrativos e dos sonetos.

Desde essa primeira edição, mantém-se o costume de dividir a obra teatral de Shakespeare em três categorias: comédia, tragédia e drama histórico. Comédia e tragédia eram categorias ou gêneros cujas origens remontavam ao teatro grego e cujas características se mantiveram de certa maneira fixas até aquela época. Já o drama histórico foi um gênero em que Shakespeare introduziu maiores inovações. Entre as mais conhecidas comédias de Shakespeare contam-se *A comédia dos erros*, *O mercador de Veneza*, *A tempestade*, *Sonho de uma noite de verão*, *Muito barulho por nada*. Entre os dramas históricos incluem-se *Henrique IV*, *Henrique V*, *Ricardo III*. Algumas das mais importantes tragédias são *Antônio e Cleópatra*, *Júlio César*, *Otelo*, *Macbeth*, *Hamlet*, *Rei Lear*, *Romeu e Julieta*.

De um modo geral, podemos distinguir esses gêneros da

seguinte maneira: a comédia visa a fazer o público rir; a tragédia, a fazê-lo emocionar-se, e o drama histórico, a confrontar-se com os acontecimentos do passado. Pode-se dizer que, além do objetivo de divertir, entreter ou emocionar o público, havia até mesmo a intenção de instruí-lo, de fazê-lo refletir sobre alguma questão importante. Tudo isso Shakespeare realizava com maestria: era imenso o público que acorria às representações de suas peças.

Além de amplo, o público de Shakespeare era também diversificado. Havia desde encenações nos palácios, destinadas às platéias mais esclarecidas da corte, até os concorridíssimos teatros populares, em que se podia pagar apenas um *penny* (um centavo de libra esterlina) para assistir ao espetáculo em pé, na boca do palco. O mais famoso desses teatros foi o *Globe Theatre*, construído em forma circular. Naquele tempo, eram poucas as pessoas que, não sendo nobres, sabiam ler e escrever; por isso, um autor como Shakespeare não compunha seus textos pensando em publicar livros e vendê-los, como faz um escritor hoje em dia, mas sim em encenar seus textos sobre um palco. O público, mesmo quando analfabeto, apreciava o teatro, que era um tipo de diversão tão difundido na época como, talvez, as novelas de televisão o sejam atualmente.

Como ler uma peça de Shakespeare

Assim, a primeira coisa que devemos ter em mente ao *ler* uma peça de Shakespeare é que estamos diante de um texto escrito para teatro, ou seja, um texto em que as personagens falam em voz alta diante de nós. Quando lemos uma narrativa, seja romance, seja conto, existe um narrador que nos conta a história. Isto quer dizer que uma narrativa é um relato de fatos ocorridos anteriormente. Um texto de teatro, ao contrário, não é narrado, mas *acontece*, por assim dizer, ao vivo diante do público. As personagens agem e falam por si mesmas, sem a intermediação de um narrador. Elas é que conduzem a *ação*, mas esta, por sua vez, afeta as personagens.

Uma peça de teatro divide-se em *atos* e *cenas*. Os *atos* de uma peça são como os capítulos de um livro: grandes divisões, grandes células que articulam o enredo. Cada ato é composto por uma seqüência de cenas. As *cenas* são divisões menores, em geral marcadas pela entrada ou saída de uma personagem, isto é, temos uma nova cena toda vez que uma personagem entra no palco ou sai dele.

O fato de ter sido composto originariamente para ser encenado, em vez de lido, introduz diversas especificidades no texto dramático. Por exemplo, existem elementos sonoros e elementos visuais, que certamente não passavam despercebidos ao público presente a uma encenação, mas que podem não ser compreendidos por um *leitor* desatento. Dentre esses *elementos sonoros* contam-se os jogos de palavras, as assonâncias, as rimas, os trocadilhos — elementos nos quais a linguagem shakespeariana é rica mas que, com muita freqüência, se perdem já com a própria tradução. Os *elementos visuais* — cenários, figurinos, iluminação —, que estão diante dos olhos do público presente à encenação, são apenas sugeridos para quem lê. Ainda que não estejam indicados no texto, esses elementos cênicos podem e devem ser imaginados a cada momento pelo leitor, adicionando ao ato da leitura o exercício e o prazer de participar da criação e direção do espetáculo em sua mente.

2 ROMEU E JULIETA

Temas

Romeu e Julieta é uma das primeiras tragédias de Shakespeare, composta e encenada quando ele tinha trinta anos, por volta de 1595. Assim, é obra de um autor relativamente jovem, que tem como tema principal o amor jovem, o amor apaixonado, o amor “romântico”. *Romeu e Julieta* é considerada uma das maiores tragédias de amor já escritas. Não obstante, além do tema amoroso,

outros temas se desenvolvem na obra, inclusive de natureza política, e representam-se situações que envolvem ódio, ira, rancor, inquietações religiosas e morais, espirituosidade, humor, etc.

Fontes literárias

A história de *Romeu e Julieta* não era nova no tempo de Shakespeare. Era comum, naquela época, os autores fazerem uso de narrativas conhecidas. Ao valer-se de uma história existente, o que importava (e importa ainda hoje), o que dava a medida da originalidade do autor, era o modo como ele a recontava, as novidades que lhe acrescentava, os novos tons de que a revestia. Para compor a sua versão da história de Romeu e Julieta, Shakespeare muito provavelmente utilizou como fonte de inspiração o poema *A trágica história de Romeu e Julieta*, de Arthur Brooke, de 1562, baseado por sua vez em diversos textos italianos, dos quais o mais antigo, dentre os que nomeiam Romeu e Julieta, é o de Luigi da Porto, de 1530. Há, porém, histórias muito mais antigas, que nararam episódios semelhantes. O destino trágico de um jovem casal de amantes nascidos de famílias inimigas aparece tanto em novelas medievais quanto em narrativas mitológicas que remontam à Grécia antiga, como a história de Píramo e Tisbe, que integra o livro das *Metamorfoses* de Ovídio, poeta latino do século I a.C.

Espaço e tempo

Na tragédia de Shakespeare, a ação, ou seja, a história, desenvolve-se em tempo bastante curto, quatro ou cinco dias. Tudo se passa na cidade de Verona, na Itália, com exceção de uma pequena parte do 5.º ato, passada na vizinha cidade de Mântua. A ação transcorre no século XVI, tempo de riqueza e esplendor das cidades italianas, que naquela época eram cidades-estados, independentes e rivais entre si. Mas, apesar de a ação se passar em Ve-

rona, Shakespeare destaca diversos elementos que fazem essa cidade assemelhar-se à Londres do seu tempo. Ambas eram circundadas por muralhas e, em cidades assim fechadas, durante os meses quentes de verão, era comum a multidão tomar conta das ruas e a violência se espalhar rapidamente, assim como o perigo da peste. Outra semelhança entre Verona e a Inglaterra de Shakespeare é que, neste país, a palavra da rainha Elisabeth I era a lei, assim como a do príncipe Escala em *Romeu e Julieta*.

Como dissemos, a ação se desenvolve em poucos dias: inicia-se numa manhã domingo e se encerra na madrugada de quarta para quinta-feira. O encontro, a paixão e o desenlace ocorrem nesse curto período. Porém, esses eventos são apenas o desfecho de uma longa história anterior, à qual só se faz referência nas entrelinhas da peça (apesar de, graças à intervenção do coro, já sabermos dela desde o começo da peça).

Coro/Prólogo

Antes de iniciar-se a ação propriamente dita, o primeiro elemento a ocupar a cena é o *Coro*. Originário do teatro grego, o coro tem a função de comentar a ação ou informar o espectador a respeito de algo que não é mostrado em cena. No teatro grego, o coro era composto por um grupo de atores; no teatro de Shakespeare, assim como no teatro moderno, o coro pode ser representado por um só ator. Em *Romeu e Julieta*, o coro entra em cena para recitar o Prólogo, isto é, um pequeno trecho, originariamente em forma de soneto, que desempenha três importantes funções na abertura da peça: 1) põe-nos a par da situação conflituosa que vive a cidade, com a antiga e violenta discórdia entre as famílias Montéquio e Capuleto; 2) faz um resumo do que vai acontecer; 3) deixa-nos curiosos por saber como irão desenrolar-se os fatos. Pode parecer estranho para o leitor de hoje que um dramaturgo como Shakespeare, já no Prólogo, apresentasse um resumo do enredo e até do

desfecho da história. Porém, devemos lembrar que, no seu tempo, a história de Romeu e Julieta já era bastante conhecida, assim como é hoje, mesmo por alguém que não tenha lido ou assistido à peça. Todo mundo sabe que se trata da tragédia dos jovens amantes nascidos de famílias inimigas. Assim, quando o Prólogo anuncia sem fazer suspense o assunto e o final da peça que está por começar, o que ocorre em verdade é que nos agarramos ao espetáculo, querendo segui-lo de perto e ver como tudo aquilo se encaminhará.

Política

Após a saída do coro, tem início o primeiro ato. Na cena inaugural, vemos dois criados da família Capuleto procurando confusão pelas ruas de Verona. Para tanto, resolvem insultar os criados de Montéquio, arquiinimigo de seu patrão. E assim tem início uma briga que põe em alerta toda a cidade e que, apesar de instantes depois ser energicamente abafada pelo Príncipe, ainda assim continuará se desenvolvendo sob outras formas ao longo de toda a peça. Depois dos criados, vêm à cena os jovens Benvólio, parente dos Montéquio, e Tebaldo, parente dos Capuleto. Somente quando a briga já está acontecendo é que entram em cena os chefes das duas casas rivais. E, por fim, intervém o Príncipe, autoridade máxima do lugar, que representa ali a neutralidade. Devemos observar que essa seqüência inicial de entradas de personagens corresponde a uma hierarquia, isto é, a uma ordem que representa simetricamente a estrutura social da peça, tendo o Príncipe ao meio e em cima, os chefes logo abaixo e a seu lado, noutro degrau os parentes e, ainda mais abaixo, os criados. Devemos notar também que os protagonistas Romeu e Julieta só irão aparecer mais tarde, como a significar que se situam fora, além do âmbito da inimizade de suas famílias.

As entradas das personagens, portanto, obedecem à hierarquia social que se pode representar assim:

Príncipe
Capuleto Montéquio
Tebaldo Benvólio
Criados (Sansão e Gregório) Criados (Abrão e outro)

O tema da luta entre as duas facções e do ódio que elas nutrem entre si é um dos argumentos principais da peça. É possível mesmo que Shakespeare estivesse reportando-se à história de seu país e às disputas sangrentas entre as casas Lancaster e York — que só tiveram fim quando subiu ao poder a dinastia Tudor, da qual fazia parte a rainha Elizabeth I —, querendo com isso demonstrar que o ódio irresponsável de nobres rebeldes é capaz de tudo destruir. O sentido último da história é que onde não há paz, onde não há ordem civil, não sobrevivem as coisas boas e belas, como a vida e o amor de dois jovens.

Tragédia/drama

A morte de Romeu e Julieta é o preço da intolerância de suas famílias. O desfecho inexoravelmente sinistro é o que caracteriza uma tragédia. Nesse tipo de peça, como dissemos, a reação que se espera do público é a comoção. E, de fato, muitas cenas de *Romeu e Julieta* comovem. Por outro lado, não são poucas as passagens que nos fazem rir, sorrir ou mesmo gargalhar; é notável o tanto de humor que por vezes emerge da tragédia shakespeariana. Por esse motivo, Shakespeare é considerado um dramaturgo inovador, uma vez que no teatro grego, que é seu modelo, os gêneros trágico e cômico eram necessariamente muito bem delimitados entre si. Shakespeare foi o primeiro autor a inserir elementos cômicos em suas tragédias, bem como elementos trágicos em suas comédias. Disso decorre o fato de os críticos posteriores apontarem-no como o criador de um novo gênero — o assim chamado *drama*, que passou a dominar o teatro que se produziu a partir de então.

Em *Romeu e Julieta*, algumas personagens presentificam especialmente os aspectos cômicos ou humorísticos que há na peça. Uma delas é a Ama. Outra é Mercúcio, o amigo de Romeu. Os músicos no final do 4.º do ato estabelecem uma atmosfera particularmente alegre e divertida.

Personagens

São as personagens que dão vida à peça e que fazem de *Romeu e Julieta* algo mais do que um discurso sobre o amor, o ódio, o destino trágico e fatal. São as personagens que conduzem o desenrolar dos fatos, não os fatos que as conduzem. As personagens de *Romeu e Julieta* têm em suas mãos o poder de decidir, a cada momento, o rumo que a ação vai tomar. Assim, elas nos dão a impressão de ser vivas e inesquecíveis como pessoas reais. Dividem-se em duas categorias: personagens complexas e personagens rasas. Rasas são aquelas que não sofrem nenhum tipo de transformação, permanecendo praticamente estáticas ao longo da peça, ou seja, agindo sempre da forma como já esperamos que ajam. Personagens complexas são aquelas que se transformam, que crescem, que amadurecem e modificam ao longo da peça sua maneira de pensar e agir. Romeu, Julieta, Frei Lourenço e o Príncipe são exemplos de personagens complexas; a Ama de Julieta, Ben-vólio e Tebaldo são exemplos de personagens estáticas.

Ao final da peça, algumas das personagens se transformam inteiramente, enquanto outras ainda mantêm seus pequenos vícios. Mas a cidade jamais será a mesma; tudo deve mudar após o triste fim de Romeu e Julieta. E o público não escapa a essa transformação: envolvido com a trama e comovido com o desenlace, ele deve levar consigo a imagem viva de que o ódio e a intolerância arrastam sempre à desgraça. Terminada a encenação ou a leitura do tragédia, o público continua refletindo sobre ela, e assim o teatro passa a fazer parte da própria vida. Talvez por isso é que o teatro não

seja apenas uma questão de entretenimento, de diversão, mas quase uma necessidade — o que nos faz entender por que é uma *arte* que os homens cultivam há mais de 2.500 anos.

Nota sobre esta e outras adaptações

Esta adaptação foi feita com base no texto original inglês editado por T. J. B. Spencer (Penguin Books, 1967) e nas traduções para o português de Onestaldo de Pennafort (Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1940), Carlos Alberto Nunes (São Paulo, Melhoramentos, 1969) e Décio Pignatari (São Paulo, Companhia das Letras, 1990).

Há diversas (pelo menos seis) adaptações cinematográficas da peça, além de muitos outros filmes com enredo derivado dela. Mas não só no cinema a história de Romeu e Julieta continuou vivendo depois de Shakespeare. Ela foi recontada de outras formas, em outras artes: na música (a “sinfonia dramática” de Berlioz, a ópera de Gounod, a “fantasia” orquestral de Tchaikóvski, o *ballet* de Prokófiev, todos intitulados *Romeu e Julieta*), assim como na literatura popular (“romances de cordel” de cantadores nordestinos). Ela foi e é também, explícita ou implicitamente, um dos modelos mais freqüentes de outras histórias de amor — histórias que envolvem ódio entre grupos e morte dos amantes —, como o admirável romance (ou novela) *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, ou a peça de teatro musical *West Side Story*, de Leonard Bernstein (adaptada ao cinema por Elia Kazan).

ROMEU E JULIETA

PERSONAGENS

Escala, príncipe de Verona.

Mercúcio, parente do príncipe e amigo de Romeu.

Páris, jovem nobre, parente do príncipe e de Mercúcio, e pretendente de Julieta.

Montéquio e **Capuleto**, chefes de famílias rivais.

Um velho, tio de Capuleto.

Romeu, filho de Montéquio.

Benvólio, sobrinho dos Montéquio e amigo de Romeu.

Tebaldo, sobrinho da senhora Capuleto.

Frei Lourenço, um franciscano.

Frei João, um franciscano.

Baltasar, ajudante de Romeu.

Sansão e **Gregório**, criados de Capuleto.

Abrão, criado de Montéquio.

Pedro, criado de Capuleto a serviço da Ama.

Senhora Montéquio, esposa de Montéquio.

Senhora Capuleto, esposa de Capuleto.

Julieta, filha dos Capuleto.

Ama de Julieta.

Um boticário.

Três músicos.

Criados; um garoto; um pajem de Páris.

Cidadãos de Verona; **parentes** das duas famílias; **mascarados; guardas; sentinelas; integrantes de comitivas**.

Coro.

A ação ocorre em Verona, na maior parte, e em Mântua, num trecho do 5.º ato.

WILLIAM SHAKESPEARE

PRÓLOGO

(Entra o coro)

CORO- Na bela cidade de Verona vai transcorrer o nosso drama: duas famílias, igualmente distintas, reativam uma antiga inimizade, manchando de sangue as ruas do lugar. É que nesses dois berços rivais nasceu um par de amantes desditosos¹, que só na sepultura vão pôr fim ao ódio mútuo de seus pais. A terrível história desse amor condenado é o que vocês verão neste palco: se prestarem bastante atenção, com nosso esforço procuraremos suprir o que parecer insuficiente.

(Sai o coro)

1 *Desditoso*: de má sorte, infeliz.

PRIMEIRO ATO

Cena 1

VERONA. UMA PRAÇA PÚBLICA

(*Entram Sansão e Gregório, armados de espadas e escudos*)

SANSÃO Não devemos levar desaforo para casa, Gregório.

GREGÓRIO É claro que não devemos.

SANSÃO Quando fico zangado, saco logo a espada.

GREGÓRIO Se quiser continuar vivo, é melhor tomar cuidado e não se zangar com qualquer coisa.

SANSÃO Quando alguém me irrita, revido na hora.

GREGÓRIO É melhor não se irritar com qualquer coisa.

SANSÃO É só darem motivo... É fácil: até um cachorro da casa dos Montéquio me deixa irritado.

GREGÓRIO Quem fácil se irrita, rápido se põe em movimento. Mas ser corajoso é agüentar firme! Se você se irrita, é sinal de que vai fugir...

SANSÃO Pois saiba que, diante de um cão daquela casa, não arredo o pé. Vou me encostar firme na parede se passar por mim qualquer moço ou moça dos Montéquio.

GREGÓRIO Isso mostra que você não passa de um escravo fraco: os fracos é que encostam na parede!

SANSÃO É mesmo... Talvez seja por isso que as mulheres sempre caminham encostadas na parede. Sendo as mulheres a parte mais fraca, vou tirar da frente os homens e prensá-las contra a parede.

GREGÓRIO Escute, Sansão, a luta é entre nossos patrões e nós, seus *homens*.

SANSÃO Tanto faz. Vão ver como eu também posso ser cruel: depois de me bater com os homens, vou pegar as moças.

WILLIAM SHAKESPEARE

Vou pegar todas as virgens!

GREGÓRIO Pegar todas as virgens?

SANSÃO Sim. Entenda como você preferir.

GREGÓRIO Pois vá sacando o seu ferro, que aí vem dois da casa de Montéquio.

(Entram Abrão e outro criado dos Montéquio)

SANSÃO Aqui está minha arma em pé. Pode brigar, que eu dou cobertura.

GREGÓRIO O quê? Você vira as costas?

SANSÃO Não precisa ter medo.

GREGÓRIO Eu, ter medo de você?

SANSÃO Vamos ficar ao lado da lei. Eles que comecem a briga.

GREGÓRIO Quando passar por eles, vou fazer cara feia. O resto é com eles.

SANSÃO Vou torcer o nariz. Quero ver se vão retrucar.

ABRÃO Você está torcendo o nariz para nós?

SANSÃO Estou torcendo o nariz.

ABRÃO É para nós que está torcendo o nariz?

SANSÃO *(À parte, para Gregório)* É contra a lei, se eu disser “sim”?

GREGÓRIO É.

SANSÃO Não, não estou torcendo o nariz para vocês. Mas estou torcendo o nariz.

GREGÓRIO Você está querendo briga?

ABRÃO Briga?! Eu, não!

SANSÃO Se você quiser, estou às ordens. O meu patrão é tão bom quanto o seu.

ABRÃO Mas não é melhor que o meu.

SANSÃO Tudo bem.

(Surge Benvólio, ao longe)

GREGÓRIO *(À parte, para Sansão)* Diga que é “melhor”: vem

ROMEU E JULIETA

vindo aí um parente do patrão.

SANSÃO O meu patrão é melhor que o seu!

ABRÃO Mentiroso!

SANSÃO Pois então, saque a espada, se for homem!

(Duelam)

BENVÓLIO Parem com isso, seus palhaços! Vocês não sabem o que estão fazendo! *(Intercepta as espadas com sua espada)*

(Entra Tebaldo)

TEBALDO Como? Você saca a espada, Benvólio, e vem falar de paz? Detesto esta palavra como detesto os Montéquio, incluindo você! Defenda-se, seu covarde! *(Duelam)*

(Entram partidários de ambas as casas, aumentando o tumulto; entram cidadãos armados de porretes)

CIDADÃO Pau neles! Acabem com eles! Abaixo os Montéquio; abaixo os Capuleto!

(Entram Capuleto, em roupão de dormir, e senhora)

CAPULETO Que barulho é este? Minha espada de combate, tragam-na!

SENHORA CAPULETO Que espada, nada! Muletas, isto, sim!

CAPULETO Minha espada! O velho Montéquio está brandindo² a dele para mim!

(Entram Montéquio e senhora)

MONTÉQUIO Capuleto velhaco! Larguem-me!

SENHORA MONTÉQUIO Você não vai dar um passo para enfrentar o inimigo.

(Entra o príncipe Escala, com seus guardas)

PRÍNCIPE Rebeldes, inimigos da paz! Parem com isso, seus animais! Parem de manchar espadas com sangue civil! Sob pena de tortura, deponham as armas e ouçam a sentença de seu

2 *Brandir*: erguer a arma.

príncipe: pela terceira vez, Montéquio e Capuleto, por causa de vocês gerou-se tumulto em nossas ruas. Velhos cidadãos de Verona deixam de lado a compostura³ para empunhar suas lanças enferrujadas e aplacar um ódio corrosivo! Se perturbarem outra vez a paz, pagarão com suas vidas. E agora, todos para casa! Mas você, Capuleto, vem comigo. E você, Montéquio, compareça à tarde à Corte de Justiça, para tratarmos desta séria decisão. Tratem de dispersar!

(Saem todos, com exceção de Montéquio, da senhora Montéquio e de Benvólio)

MONTÉQUIO Quem atçou de novo esta rixa⁴? Conte, sobrinho, o que presenciou.

BENVÓLIO Quando cheguei, seus homens já duelavam com os dele. Tentei separá-los, mas Tebaldo impediu, atacando-me. Foi juntando gente...

SENHORA MONTÉQUIO E onde está meu Romeu? Você o viu? Ainda bem que não se meteu na briga.

BENVÓLIO Uma hora antes de o sol nascer, minha tia, eu o vi a passear no bosque, quando fazia minha caminhada matinal. Assim que notou minha presença, ele escondeu-se entre as figueiras.

MONTÉQUIO Ele tem sido visto lá, todas as manhãs, aumentando o orvalho com suas lágrimas, acrescentando às nuvens seus suspiros fundos. Quando raia o dia, tranca-se no quarto, de janelas fechadas. É preciso afastar a causa dessas maneiras estranhas.

BENVÓLIO Conhece a causa, meu tio?

MONTÉQUIO Não, nem ele diz nada.

3 *Compostura*: comportamento educado.

4 *Rixa*: briga.

ROMEU E JULIETA

BENVÓLIO O senhor tentou todos os meios?

MONTÉQUIO Não só eu, como outros amigos nossos. Mas ele não revela seus segredos a ninguém, tão fechado que está em seus mistérios. Se soubéssemos a origem do mal, a cura estaria a um passo.

BENVÓLIO Aí vem ele. Afastem-se, peço. Ele há de se abrir comigo.

MONTÉQUIO Boa sorte em sua missão. Vamos, senhora?

(Saem Montéquio e senhora. Entra Romeu)

BENVÓLIO Bom dia, primo.

ROMEU Como assim? Já é dia?

BENVÓLIO Nove horas!

ROMEU Como são compridas as horas tristes... Era meu pai?

BENVÓLIO Era. Mas que longas horas tristes são essas?

ROMEU Aquelas que, com *ela*, seriam breves.

BENVÓLIO Você está apaixonado?

ROMEU Nada.

BENVÓLIO Nada de amor?

ROMEU Nada da parte dela.

BENVÓLIO É pena que o amor, na aparência tão doce, seja no fundo tão tirano e duro!

ROMEU Pena das penas! Mesmo cego, o amor sabe alcançar o alvo do seu desejo!⁵ Onde vamos almoçar? Houve briga aqui? Nem precisa dizer, já sei de tudo. O ódio anda muito ocupado; mas o amor mais ainda! Leveza pesada, pena de chumbo, fogo gelado, saúde doente, sono acordado: o amor é o que não é. Não quer rir de mim?

5 Referência a Cupido, deus do Amor segundo a mitologia greco-romana. Filho de Vênus, também deusa do amor, Cupido era representado como uma criança com asas e olhos vendados, que se divertia em perturbar os corações dos apaixonados fazendo-os sangrar com suas flechas certeiras.

BENVÓLIO Não, primo, quero chorar.

ROMEU Por quê?

BENVÓLIO Porque seu coração está oprimido.

ROMEU O amor é assim mesmo: as dores pesam no peito, mas isso só aumenta os efeitos da paixão. O amor é uma fumaça de suspiros, é fogo que ameaça o olhar, é um rio de lágrimas quando contrariado... Que mais? É uma loucura sensata, é um fel⁶ que sufoca, é uma doçura que anima... Adeus, primo.
(*Faz menção de retirar-se*)

BENVÓLIO Calma! Eu vou também.

ROMEU Estou perdido... Não conte a ninguém. Não sou mais Romeu, nem sei quem sou.

BENVÓLIO Quem é ela?

ROMEU Pedir um testamento a um doente é como matá-lo antes da morte! Mas confesso: estou apaixonado.

BENVÓLIO Não erre tanto assim...

ROMEU Acertou no alvo! E ela é tão linda!... Mas é inatingível. Ao deus Cupido, ela preferiu Diana:⁷ resiste às palavras doces, escapa aos assédios⁸ do olhar, não cede o pescoço ao ouro, que seduz até as santas. Mas como é rica em beleza! Porém, toda a beleza irá morrer com ela... Prometeu jamais amar.

BENVÓLIO Jurou que vai ser casta para sempre?

ROMEU Jurou. Que desperdício! É bela demais, é sábia demais para ficar contente com a minha dor. Prometeu jamais amar,

6 *Fel*: azedume, coisa muito amarga.

7 *Diana*: deusa protetora dos bosques e dos animais, segundo a mitologia greco-romana. Ao contrário de Cupido e Vênus, que propiciavam as relações amorosas, Diana manteve-se virgem e afastada dos homens, comprazendo-se apenas com a caça.

8 *Assédio*: cerco, insistência.

ROMEU E JULIETA

e eu, com esse voto⁹, vivo como um morto.

BENVÓLIO Escute o que digo: não pense mais nela.

ROMEU Então me ensine como não pensar.

BENVÓLIO Abra os olhos; há muitas belezas para se olhar.

ROMEU Essa é a melhor maneira de comprovar a beleza dela.

Mostre-me, pois, uma beldade rara; servirá, ao menos, como sugestão para que eu lembre quem a excedeu em formosura.

Adeus. Você nunca me ensinará o esquecimento.

BENVÓLIO Juro que vou lhe ensinar... nem que seja em meu testamento.

9 *Voto*: promessa

Cena 2
UMA RUA

(Entram Capuleto, Páris e um criado)

CAPULETO Essa pena pesa tanto sobre mim quanto sobre Montéquio. Como já somos velhos, acho que não é tão difícil manter a paz.

PÁRIS Ambos gozam de alto conceito,¹⁰ e é pena que essa desavença¹¹ dure tanto. Mas, mudando de assunto, e quanto a mim?

CAPULETO Repito o que já disse: minha filha Julieta pouco entende dessas coisas; não tem nem catorze anos. Dois verões ainda correrão antes que ela possa se casar.¹²

PÁRIS Mas muitas moças, mais novas que ela, já são mães.

CAPULETO As que começam antes do tempo, também morrem cedo. Todas as minhas esperanças foram tragadas pela terra, menos ela, única herdeira do que tenho. Mas fale com ela, Páris! Você tem de conquistar seu coração. Se for do gosto dela, estou disposto a dar o meu consentimento. Esta noite darei uma festa, para a qual convidei muita gente amiga. Você será especialmente bem-vindo! Em meu humilde teto, hoje à noite, estrelas da terra vão iluminar todo o céu: é um prazer para os moços estarem entre botões femininos. Observe todas e eleja a mais dotada.¹³ A minha estará entre elas; em beleza não perde para nenhuma. Vamos indo.

(Entrega um papel a um criado)

10 *Gozar de alto conceito*: ter boa reputação.

11 *Desavença*: inimizade, discórdia.

12 No tempo de Shakespeare, a idade mínima para uma mulher se casar era doze anos, porém era raro que casamentos tão precoces ocorressem.

13 *Dotado*: que tem qualidades físicas, morais e intelectuais.

ROMEU E JULIETA

Percorra Verona, rapaz, e encontre as pessoas que estão na lista, anunciando que terei prazer em recebê-las em minha casa esta noite.

(Saem Capuleto e Páris)

CRIADO Encontrar as pessoas desta lista? Eu, que não sei ler, tenho de sair em busca das pessoas escritas nesta lista, sem saber que nomes são. Tenho de procurar alguém instruído. Em boa hora!

(Entram Benvólio e Romeu)

BENVÓLIO Ora, rapaz, apague o fogo com fogo; uma dor recente faz minguar¹⁴ a dor que veio antes; deixe os olhos curtirem nova paixão, para sarar a antiga...

ROMEU Essa receita mágica dever ser boa.

BENVÓLIO Para quê?

ROMEU Para sua cara quebrada!

BENVÓLIO Calma, amigo! Você está louco?

ROMEU Ainda não; porém mais atado¹⁵ que um louco furioso, faminto, torturado... Que você quer, rapaz?

CRIADO Bom dia, senhor. O senhor sabe ler?

ROMEU Sei, sim.

CRIADO Sabe ler tudo o que se escreve?

ROMEU Sei, se conhecer a língua e puder ver a letra. (*Lê*) “Senhor e senhora Margino e filha; conde Anselmo e suas famosas irmãs; viúva Vitrúvio; senhor Placêncio e suas encantadoras sobrinhas; Mercúcio e seu irmão Valentino; meu tio Capuleto, esposa e filhas; minha graciosa sobrinha Rosalina; Lívia; senhor Valêncio e seu primo Tebaldo; Lúcio e a amável Helena.”Uma bela turma. (*Devolvendo o papel*) Onde será isso?

14 *Minguar*: diminuir.

15 *Atado*: preso, em referência ao tratamento dado aos loucos naquele tempo.

CRIADO Lá em cima, em nossa casa.

ROMEU Casa de quem?

CRIADO Do meu patrão.

ROMEU É o que eu devia ter perguntado logo.

CRIADO Pois vou dizer-lhe, mesmo que não tenha perguntado.

Meu patrão é o grande e rico Capuleto. Se o senhor não for da casa dos Montéquio, venha também tomar uma taça de vinho esta noite. Passar bem! *(Sai)*

BENVÓLIO Banquete na casa de Capuleto! A sua bela Rosalina vai estar lá, com todas as demais beldades¹⁶ de Verona. Por que você não vai? E, se compará-la com algumas que eu mostrar por lá, vai ver o cisne transformado em corvo...

ROMEU Que meu pranto vire fogo se tais mentiras meus olhos suportarem. Mais linda que ela? Nem o sol jamais viu outra tão bela.

BENVÓLIO Ela só é bonita sem ninguém por perto. Se os seus olhos, como pratos de cristal de uma balança, pesarem-na com outras jóias da festa, você vai ver que decepção.

ROMEU Eu irei. Mas não para seguir o seu conselho e, sim, para ofuscar-me com meu amor.

(Saem)

16 *Beldade*: moça muito bonita.

Cena 3

UM QUARTO NA CASA CAPULETO

(Entram a senhora Capuleto e a ama)

SENHORA CAPULETO Ama, onde está minha filha? Vá chamá-la.

AMA Por minha virgindade... aos doze anos eu já chamei. Minha ovelhinha! Que Deus não permita! Mas onde está essa menina? Julieta!

JULIETA O que é? Quem está me chamando?

AMA Sua mãe.

JULIETA A senhora me chamou, mãe?

SENHORA CAPULETO É o seguinte... Ama, deixe-nos a sós por um instante. Não, ama, volte. É melhor que você ouça nossa conversa. Afinal, você conhece minha filha há tanto tempo... Você sabe, ela já está na idade.

AMA Posso dizer até o dia e a hora.

SENHORA CAPULETO Ainda não completou catorze.

AMA Falta pouco. Quando vai ser o dia primeiro de agosto?

SENHORA CAPULETO Daqui a uns quinze dias.

AMA Pois nesse dia ela vai fazer catorze anos. Minha Susana, que Deus chamou para si, era da mesma idade... Lembro-me tão bem, e lá se vão onze anos, de quando ela desmamou. A senhora e o patrão estavam em Mântua, não esqueço. Eu tinha passado losna¹⁷ no bico do seio, e ela, quando sentiu o gosto amargo, fez uma careta e largou o peito. Na véspera, ela tinha caído e machucado a testa. Meu marido socorreu a menina no chão, dizendo: “Oh, menininha, você caiu de cara no chão? Quando crescer e tiver juízo, vai querer é cair de cos-

17 *Losna*: planta de sabor muito amargo.

WILLIAM SHAKESPEARE

tas, não é mesmo, Juju?” Acredite, senhora, a diabinha parou de chorar e disse: “É!” Quanta risada aquele dia!

JULIETA Pare, ama, peço.

AMA Já parei. Deus a abençoe. Foi o bebê mais lindo que criei; vê-la casada é meu maior desejo.

SENHORA CAPULETO Pois é de casamento mesmo que eu quero falar. Diga, Julieta: o que acha de casar-se?

JULIETA Uma honra com que nunca sonhei.

AMA Se eu não fosse ama, diria que ela, junto com o leite, mamou juízo.

SENHORA CAPULETO Bem, está na hora de pensar em casamento. Moças de respeito, mais jovens que você, já são mães de família. Nos meus cálculos, eu tive você com essa idade. Para ser breve, Julieta: o nobre Páris pediu sua mão em casamento.

AMA Que homem, menina! Melhor... nem de encomenda!... Que partido!

SENHORA CAPULETO Você acha que pode gostar dele? Hoje à noite, poderá vê-lo em nossa festa. Leia no livro de seu rosto os encantos traçados com a pluma da beleza. É um exemplar de amor, é um mapa de um tesouro, para ler e ter: você pode ter parte nessa história, unindo-se a ele, e sem ser com isso diminuída em nada.

AMA Ao contrário, aumenta a mulher também!

SENHORA CAPULETO O amor de Páris lhe agrada?

JULIETA Vou procurar olhá-lo, se isto lhe agrada. Mas não irei além do que me consentir sua vontade.

(Entra um criado)

CRIADO Senhora, os convidados estão chegando, o jantar está sendo servido. Chamam pela senhora; reclamam a presença da senhorita; na copa amaldiçoam a ama. Por favor, venham

ROMEU E JULIETA

logo!

SENHORA CAPULETO Já vou! Julieta, o conde a espera.

AMA Enfrente belas noites para arranjar dias melhores ainda!

(Saem)

Cena 4
UMA RUA

*(Entram Romeu, Mercúcio, Benvólio, cinco ou seis mascarados e
tocheiros)*

ROMEU É melhor disfarçar com um discurso, ou entramos sem nenhuma explicação?

BENVÓLIO Discurso não vai bem hoje em dia. Cupidos com seu arco e seus olhos vendados e discurso na entrada são como espantalho para as mulheres. Entramos de uma vez. Eles que nos julguem como quiserem. Basta fazermos uma mesura¹⁸ e começarmos a dançar.

ROMEU Não vou dançar, não estou disposto a brincadeiras. Dê-me uma tocha: quero iluminar meu caminho.

MERCÚCIO Nada disso, meu caro Romeu: você vai dançar.

ROMEU Dance você, que está de sapatilhas. Estou com a alma pesada, grudada no chão.

MERCÚCIO Está apaixonado... Empreste as asas de Cupido, para poder voar.

ROMEU As suas setas me feriram fundo, e nem suas asas conseguem levantar-me da dor, do fardo do amor que me pesa.

MERCÚCIO Mas o amor é coisa leve...

ROMEU Leve nada, é chumbo. Duro, brutal, espinhoso... e sem futuro!

MERCÚCIO Se o amor é duro com você, seja também duro: revide as pancadas que ele der. Dêem-me algo para cobrir o rosto!

(Pondo uma máscara)

Uma máscara em cima de outra! Que importa saber quem é

18 *Mesura*: reverência, saudação cortês.

ROMEU E JULIETA

quem? A feiúra é toda minha, mas o rubor¹⁹ da vergonha é de ninguém.

BENVÓLIO Vamos batendo e entrando... Lá dentro, façam bom uso das pernas.

ROMEU A tocha é para mim; arrastem vocês seus leves pés pelo salão. A dança é boa, mas estou triste. Vou segurar a vela e, com a luz, poderei observar tudo.

MERCÚCIO Deixe de fazer-se de coitado! E vamos indo, porque isto é como acender luz de dia.

ROMEU Isso não faz sentido.

MERCÚCIO Eu quis dizer que gastamos nossa luz²⁰ inutilmente. E guarde este ditado: vale mais que nossos cinco sentidos.

ROMEU Irmos a esta festa é o que não faz sentido...

MERCÚCIO Ah, é? Pode-se saber por quê?

ROMEU Tive um sonho esta noite.

MERCÚCIO E eu também.

ROMEU O que você sonhou?

MERCÚCIO Que os sonhos são de mentira.

ROMEU Os sonhos são verdades no sono.

MERCÚCIO Pelo jeito, você sonhou com a rainha Ma.

BENVÓLIO Quem?

MERCÚCIO A parteira das fadas, que não chega a ter o tamanho de uma pedra preciosa no dedo de uma pessoa importante. Viaja sempre puxada por pequeninos átomos, passando pelo nariz dos dorminhocos. Pernas de aranha servem de raios para as rodas; asas de gafanhoto formam a capota; as rédeas são teias finíssimas; no cabo do chicote, osso de grilo; no lugar de açoite, uma membrana; seu cocheiro é um mosquitinho.

19 *Rubor*: vermelhidão do rosto, causada por vergonha.

20 *Luz*: inteligência.

nho de casaco cinzento; a carruagem é uma casca de avelã cavada pelo esquilo marceneiro ou por um verme, há muito tempo fabricante oficial de carros para as fadas. Nessa equipagem, toda noite ela galopa pelo cérebro dos amantes, que sonham com amor; pelos dedos dos advogados, que sonham com honorários;²¹ pelos lábios das donzelas, que sonham com beijos. Com o rabricó torcido de um leitão, ela faz coceiras no nariz de um vigário, que sonha com nova doação. Se ela passeia pela nuca de um soldado, ele sonha com cabeças cortadas de inimigos, ataques, emboscadas. É Ma, ela mesma, que embaraça as crinas dos cavalos pela noite, que pesa na barriga das garotas para que sejam mulheres de bom parto; é ela que...

ROMEU Chega, Mercúcio, paz! Você está falando bobagem.

MERCÚCIO Estou falando de sonhos, que nascem de cabeças ociosas e são inútil fantasia, tão tênues quanto o ar, tão inconstantes quanto o vento, que ora sopra gelado no norte, ora se desfaz em brisas amenas no sul ...

BENVÓLIO Pois esse vento de que fala nos levou para longe: o jantar já deve ter acabado, chegamos muito tarde.

ROMEU Ou muito cedo. Alguma coisa me diz que um triste acontecimento vai marcar esta noite, iniciando o fim da pobre vida que carrego, condenada por um delito vil²² à morte prematura²³. Mas deixo que guie o barco aquele que detém o leme do destino. Avante, amigos!

BENVÓLIO Soem, tambores!

(*Saem*)

21 *Honorários*: remuneração, salário.

22 *Delito vil*: crime desprezível.

23 *Morte prematura*: morte que ocorre antes do tempo

Cena 5

UM SALÃO NA CASA CAPULETO

(Músicos esperam; entram criados)

PRIMEIRO CRIADO Onde está o Caçarola, que não vem tirar a mesa? Ele só quer saber de lamber pratos.

SEGUNDO CRIADO Quando as boas maneiras estão nas mãos de um ou dois, e as mãos estão sujas, a coisa fede.

PRIMEIRO CRIADO Tire daqui estas banquetas! Afaste o aparador! Cuidado com a bandeja! Se você é meu amigo, guarde para mim um pedaço de marzipã²⁴, e peça ao porteiro para deixar entrar a Susana e a Néli! Antônio! Caçarola!

TERCEIRO CRIADO Aqui estou, companheiro!

PRIMEIRO CRIADO Estão atrás de você, na sala grande.

QUARTO CRIADO Não podemos estar em toda parte ao mesmo tempo. Coragem, rapazes! Quem tiver mais saco, leva tudo! *(Saem pelos fundos. Entram os Capuleto, com convidados e mascarados)*

CAPULETO Cavalheiros, bem-vindos! As damas, que não sofrerem de calos, vão dançar com vocês. Quem recusar, aposto, é porque tem calos! Bem-vindos todos! Noutros tempos, eu vestia a máscara e murmurava palavrinhas nos ouvidos das moçoilas; mas isso já passou. Agora, música! Abram espaço! Dancem, meninas!

(Começa a música e a dança)

Acendam mais luz, rapazes, e arrastem as mesas! Abaixem o fogo, que está quente demais aqui dentro! *(dirige-se a seu primo Capuleto)* Essas brincadeiras me fazem bem! Sente-se, primo, já passamos da idade de dançar. Há quanto tempo

24 *Marzipã*: doce de amêndoas.

não saímos de máscara?

SEGUNDO CAPULETO Ah, uns trinta anos!

CAPULETO Não pode ser... Foi no casamento de Lucênio, não faz mais de vinte e cinco anos... Por aí.

SEGUNDO CAPULETO Muito mais! O filho dele já fez trinta anos, homem!

CAPULETO Não diga!?! Não faz mais que dois anos que o encontrei, e era ainda um menino!

ROMEU (*A um criado*) Quem é a garota que enriquece o braço daquele cavalheiro?

CRIADO Não sei, senhor.

ROMEU Ela ensina a tocha a brilhar! Parece suspensa no rosto da noite como uma jóia na orelha de uma etíope:²⁵ bela demais para usar, cara demais para a vida terrena. É como uma pomba branca em meio aos corvos, quando está entre as outras donzelas. Depois da dança, vou procurá-la e purificar minha mão, tocando a dela. Meus olhos desmentem, se amei outra um dia: não tinha visto a verdadeira beleza.

TEBALDO Pela voz, deve ser algum Montéquio! Minha espada, depressa! Como se atreve, mascarado, a zombar de nossa festa? Pela honra da família, não seria pecado matá-lo!

CAPULETO O que está acontecendo, sobrinho?

TEBALDO Aquele é um maldito Montéquio, da estirpe²⁶ inimiga, que veio aqui para acabar com nossa alegria.

CAPULETO Não é o jovem Romeu?

TEBALDO Ele mesmo, esse atrevido.

CAPULETO Calma, sobrinho, fique quieto. Deixe-o em paz: o jovem está se comportando bem. Dizem até que não há em

25 *Etíope*: habitante da Etiópia, país da África negra.

26 *Estirpe*: raça.

ROMEU E JULIETA

Verona quem não o aprecie, por suas virtudes e compostura. Por toda a riqueza desta cidade, não quero briga aqui em casa. Acalme-se, mude essa cara feia e encerre a questão.

TEBALDO É o que faltava! Um atrevido como esse, nosso convidado! Não o suporto!

CAPULETO Pois vai suportar, sim! Ora essa, rapaz! Estou dizendo: ele vai ficar. Quem manda aqui, afinal? Você? Ora, ora, não vai suportar!... O que você quer? Dar um escândalo entre os convidados, fazer o brigão, acabar com nossa festa?

TEBALDO Mas, tio, é vergonhoso...

CAPULETO Saia daqui. Você é petulante mesmo! Ousando contrariar-me? Chega, fique quieto! Que vexame!... Luz, mais luz! Alegria!

TEBALDO Equilibrar meu ódio com paciência é algo que não engulo. Eu vou sair, Romeu, mas este doce banquete um dia há de ser-lhe amargo como fel.

(*Sai*)

ROMEU (*A Julieta*)²⁷ Se com minha mão pecadora eu tocar e profanar sua mão sagrada, aceito a penitência: então meus lábios, dois humildes peregrinos,²⁸ hão de apagar com um terno beijo o pecado de minha mão.

JULIETA Não calunie a sua mão, romeiro: ela demonstra respeito e devoção, eu vejo...As santas também têm mão, que os peregrinos podem tocar. Unindo as palmas é que as mãos se beijam.

ROMEU As santas não têm boca?

27 O diálogo entre Romeu e Julieta que aqui se inicia tem, no texto original inglês, a forma de um soneto. Originário da Itália, o soneto era uma forma de poesia amorosa bastante popular no tempo de Shakespeare.

28 *Peregrino*: romeiro, pessoa que viaja para demonstrar seu fervor religioso, sua devoção.

JULIETA Sim,romeiro, mas só para orações.

ROMEU Se é assim, minha cara santa, deixa os lábios fazerem o que fazem as mãos! Eles rogam: conceda-lhes esta graça, para a sua devoção não fraquejar.²⁹

JULIETA Santas não se movem, embora concedam suas graças aos devotos.

ROMEU Pois então não se mexa e atenda ao meu pedido. (*Beija-a*)
Seus lábios absolveram os meus do pecado.

JULIETA Mas agora o pecado passou dos seus lábios aos meus.

ROMEU Dos meus lábios aos seus? Para doce pecado, amável penitência: devolva-o aos meus.

(*Beija-a de novo*)

JULIETA Você sabe de beijos.

AMA Senhorita, sua mãe quer lhe falar.

ROMEU Quem é a mãe dela?

AMA Ora, rapaz, é a dona da casa. Uma senhora sábia e virtuosa. Criei a filha dela, a senhorita com quem você falava, e uma coisa digo: quem a desposar, terá uma fortuna.

ROMEU Ela é Capuleto? Que conta cara! De hoje em diante devo a vida ao inimigo...

BENVÓLIO Vamos embora, a festa está no fim.

ROMEU Para mim começou agora.

CAPULETO (*Aos convidados que se retiram*) É cedo, rapazes, fi- quem. Ainda temos uma boa ceia. Vão mesmo? Bem, agradeço a todos. Obrigado, rapazes, e boa noite. Tragam mais tochas aqui! Vou deitar-me.

(*Saem todos, menos Julieta e a ama*)

JULIETA Ama, quem é aquele moço?

AMA É filho e herdeiro do velho Tibério.

29 *Fraquejar*: enfraquecer, diminuir.

ROMEU E JULIETA

JULIETA E aquele outro, que está saindo?

AMA Se não me engano, é o filho de Petrucho.

JULIETA E aquele lá, que não quis dançar?

AMA Não conheço.

JULIETA Então vá perguntar-lhe. Se for casado, um túmulo será meu destino.

(A ama se retira, voltando em seguida)

AMA Romeu é o nome dele, é um Montéquio, filho único de seu grande inimigo.

JULIETA Meu único amor, nascido de meu único ódio! Conhecido por acaso e tarde demais! Como esse monstro, o amor, brinca comigo: apaixonar-me pelo inimigo!

AMA O quê? Como assim?

JULIETA São versos que aprendi agora há pouco, com meu par na dança.

(Chamam Julieta, de dentro)

AMA Agora chega, vamos dormir; os convidados já se foram.

(Saem)

WILLIAM SHAKESPEARE

SEGUNDO ATO

(Entra o Coro)

CORO Agora, o amor antigo já agoniza³⁰, e novo afeto toma o seu lugar. Aquela, por quem o amante tanto sofria e suspirava, diante de Julieta já não é mais bela. Romeu está amando e é correspondido. Nos olhos de cada um ficou mútuo feitiço. Cativos³¹ do doce amor, ambos já sofrem, porque, sendo inimigos, ele não tem acesso a ela, para dizer suas juras; muito menos ela tem meios de encontrá-lo, para ouvir e dizer palavras puras. Mas a paixão os faz fortes, e o momento é propício ao enlace, compensando o extremo perigo com extremas delícias.

(Sai)

Cena 1

PRAÇA AO LADO DO JARDIM DOS CAPULETO

(Entra Romeu)

ROMEU Como posso ir em frente, se meu coração está aqui? Desvire sua rotação, Terra, e procure o seu centro!

(Escala o muro e salta para o jardim; entram Benvólio e Mercúcio)

BENVÓLIO Meu primo Romeu!

MERCÚCIO Ele é prudente... Não é que soube achar o caminho de casa e da cama?

30 *Agonizar*: estar às portas da morte.

31 *Cativo*: escravo.

BENVÓLIO Ele correu para cá e escalou este muro. Chame-o, Mercúcio.

MERCÚCIO Mais que isso, vou conjurá-lo³²: Romeu! Caprichos! Louco! Paixão! Namorado! Apareça sob a forma de um suspiro, diga um verso bonito, que isso me basta. É só gemer “Ai!” ou rimar “amor” e “dor”, dizer uma boa palavra à alcoviteira³³ Vênus ou um novo nome para seu filho cego, Cupido. Ele não ouve, ele não se mexe!... O macaco está morto. Vou tentar um conjuro mais forte: pelo brilho dos olhos de Rosalina, por seu lindo rosto, seus lábios escarlates, seus pés delicados, suas belas pernas, suas coxas rebolantes e demais adjacências,³⁴ conjuro você! Apareça já!

BENVÓLIO Se ele estiver ouvindo, vai ficar bravo.

MERCÚCIO Não vai, não. Estou apenas invocando o nome de sua amada, de maneira justa e bela; ele não vai zangar-se. Pelo amor de Rosalina, levante-se, Romeu!

BENVÓLIO Vamos embora. Escondeu-se entre as árvores, para ficar em companhia da noite. Se o amor é cego, o escuro lhe vai bem.

MERCÚCIO Se é assim tão cego, nunca acerta o alvo. Agora ele deve estar sob um pessegueiro, sonhando que o amor é aquele fruto que as jovens chamam pêssego, quando riem sozinhas. Romeu, boa noite, estou indo para meu leito, pois esta cama de campanha³⁵ é muito fria. Vamos?

BENVÓLIO Vamos, sim. Não adianta procurar quem não quer ser encontrado.

(Saem)

32 *Conjurar*: convocar, pedir com insistência.

33 *Alcoviteira*: mulher que facilita os encontros amorosos.

34 *Adjacência*: proximidade, região vizinha.

35 *Cama de campanha*: cama de acampamento, sem conforto.

Cena 2

JARDIM DOS CAPULETO

(Entra Romeu)

ROMEU Só ri das cicatrizes quem nunca foi ferido...

(Julieta aparece na sacada de uma janela)

Silêncio! Que luz é aquela na janela? É o sol nascente, é Julieta que surge! Desperte, sol, e mate a lua ciumenta, que está pálida e doente de tristeza, pois vê que você é mais perfeita que ela! Deixe de servi-la, já que ela é tão invejosa! Seu manto é esverdeado e triste como a túnica dos dementes: jogue-o fora! É minha dama, é o meu amor. Se ela ao menos soubesse!... Está falando ou não? Seus olhos falam... Respondo ou não? Sou muito ousado... não é a mim que ela fala. Duas estrelas devem ter emprestado o brilho a seu olhar. E se fosse o contrário? Seus olhos no céu, e o astros seriam apagados, como o dia faz com a luz das velas. E tanta clareza se espalharia no céu, que os pássaros cantariam, pensando que era dia com luar. Como ela apóia seu rosto na mão! Como eu queria ser uma luva em sua mão, para poder tocar aquela face!

JULIETA Ai de mim!

ROMEU Ela está falando!... Fale de novo, anjo brilhante, anjo glorioso no alto desta noite, que faz os mortais arregalarem os olhos e torcerem o pescoço para vê-lo, quando cavalga as nuvens preguiçosas e veleja pelo ar sereno.

JULIETA Romeu! Romeu! Por que você é Romeu? Negue seu pai, renuncie a seu nome. Ou, se não quiser, basta me jurar amor, e deixarei de ser uma Capuleto.

ROMEU *(À parte)* Devo ouvir mais ou devo responder?

JULIETA Não você, mas apenas seu nome é meu inimigo. Você continuaria sendo o que é, se acaso não fosse Montéquio. O

ROMEU E JULIETA

que é um Montéquio? Não é mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma do corpo de um homem: seja outro nome! O que há num simples nome? O que chamamos rosa não cheiraria igualmente doce em outro nome? Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservaria a querida perfeição que é dele, sem o título. Romeu, jogue fora o seu *Montéquio*, que não é parte de você mesmo, e fique comigo, inteira!

ROMEU Peguei você pela palavra! Dá-me o nome de Amor, que ficarei de novo batizado, e nunca mais serei Romeu.

JULIETA Quem é você que, escondido na noite, penetra assim em meu segredo?

ROMEU Por um nome não sei como apresentar-me. Meu nome, minha cara santa, é odioso, por ser seu inimigo. Se o trocasse escrito, eu rasgaria.

JULIETA Ainda não ouvi sequer cem palavras de sua boca, mas estou reconhecendo o som de sua voz. Será você, Romeu? Você, Montéquio?

ROMEU Nem um nem outro, se lhe desagradam.

JULIETA Como chegou aqui, diga-me, por onde veio? Os muros não são fáceis de escalar, e o lugar é mortal para você, se algum de meus parentes o encontrar.

ROMEU Com as asas do amor, voei sobre eles; não há muros de pedra para o amor, nem seus parentes podem me deter.

JULIETA Eles matam você, se o virem.

ROMEU Ai de mim! Há mais risco em seu olhar do que em vinte espadas de seus parentes. Sua doçura é a única barreira ao ódio deles.

JULIETA Por nada deste mundo quero que o vejam.

ROMEU Tenho o manto da noite para ocultar-me; e, se tiver o seu amor, não importa que me vejam. Prefiro a morte rápida pelo

ódio deles do que a morte lenta, sem o seu amor.

JULIETA Quem foi que lhe ensinou este caminho?

ROMEU Foi o amor quem me encorajou: deu-me conselhos, e eu lhe emprestei meus olhos. Mas eu a encontraria mesmo na mais longínqua praia do oceano, arriscaria tudo por isso.

JULIETA Ainda bem que a máscara da noite cobre meu rosto, senão, eu estaria rubra³⁶ agora. Seria vão³⁷ tentar manter as aparências, seria vão desmentir, mas... Chega! Chega de cerimônia! Você me ama? Sei que vai dizer *sim*, e vou acreditar em sua palavra. Jurar seria falso: dizem que até Júpiter³⁸ ri das juras de amor. Gentil Romeu, você me ama? Diga sinceramente!... Se fui fácil demais de conquistar, vou dizer *não* e franzir as sobrancelhas, para você correr atrás. Senão, por nada deste mundo. Na verdade, belo Montéquio, estou apaixonada. Talvez você me ache leviana, mas, pode acreditar, cavalheiro, sou mais sincera do que aquelas que possuem astúcia bastante para serem “difíceis”. Eu poderia ser mais prudente, mas você roubou o meu segredo. Eu lhe peço perdão: não pense mal, julgando ser levandade esse meu abandono, que a noite escura revelou.

ROMEU Senhora, eu juro pela lua que prateia³⁹ o arvoredo...

JULIETA Não jure pela lua, que é inconstante e muda todo mês o seu percurso, para que seu amor não pareça, também, tão instável.

ROMEU Por que, então, devo jurar?

JULIETA Não jure por nada, ou jure simplesmente por você mes-

36 *Rubro*: vermelho.

37 *Vão*: inútil.

38 *Júpiter*: para os romanos, o mesmo que Zeus para os gregos, o pai dos deuses, o trovão.

39 *Pratear*: dar a cor e o brilho da prata.

ROMEU E JULIETA

mo, que é o deus da minha devoção. Assim, eu creio.

ROMEU Se o meu amor sincero...

JULIETA Não, não jure! Embora eu esteja tão alegre, não me alegro um pacto assim, noturno, irrefletido, súbito, como um relâmpago que se apaga antes mesmo que possamos dizer: *um raio!* Boa noite, meu querido: que a brisa do verão amadureça este botão de amor, quando nos virmos outra vez, e faça dele uma flor. Repouse seu coração na doce calma, igual à que agora o amor me faz sentir.

ROMEU Vai me deixar assim, insatisfeito?

JULIETA Que outra satisfação queria para esta noite?

ROMEU Trocar nossos votos de amor.

JULIETA Mas, antes que você pedisse, os meus já foram dados. Com muito gosto, eu os daria de novo.

ROMEU Mas você os retiraria, meu amor? Por quê?

JULIETA Ora, para dar de novo. Mas nada quero, além do que já tenho. Minha generosidade é grande como um mar, meu amor é sem fim; quanto mais eu der, mais me sobra, porque ambos são infinitos!

(A ama chama Julieta, de dentro)

Ouçó barulho, alguém me chama! Adeus! Já vou, ama! Seja sincero, doce Montéquio... Espere um pouco, volto já.

(Sai)

ROMEU Que noite abençoada! Tenho medo que seja só um sonho, esperançoso demais para ser real.

(Julieta retorna ao balcão)

JULIETA Três palavrinhas, querido Romeu. Depois... “boa noite” de verdade. Se suas intenções são mesmo sérias, me mande um recado amanhã, pelo mensageiro que eu lhe enviar, marcando lugar, dia e hora para a cerimônia, e meu destino seguirá seus passos até o fim do mundo.

AMA (*De dentro*) Senhorita!

JULIETA Já vou, já vou! Porém, se sua idéia é outra, suplico...

AMA (*De dentro*) Senhorita!

JULIETA Já vou indo! ... que não me procure mais, e me deixe entregue à minha dor. Mandarei alguém amanhã...

ROMEU ...Salvar minha alma.

JULIETA Mil vezes boa noite!

(*Sai*)

ROMEU Mil vezes má, sem sua luz. O amor busca o amor, tanto quanto os estudantes fogem da lição; os meninos vão à escola contrariados, tanto quanto os namorados separam-se com aflição.

(*Retira-se lentamente. Julieta volta a aparecer no balcão*)

JULIETA Psiu! Romeu! Se eu tivesse a voz de um falcoeiro,⁴⁰ para atrair de volta o falcãozinho... O cativoiro⁴¹ tem voz rouca, não pode falar alto; senão, eu destruiria a gruta de Eco⁴² a chamar por seu amado, deixando sua voz mais rouca que a minha ao repetir o nome de Romeu.

ROMEU Quem pronuncia meu nome? Minha alma. Tem doce som de prata a língua dos amantes, para os que à noite vagueiam...

JULIETA Romeu?

ROMEU Minha querida!

JULIETA A que horas devo mandar alguém encontrá-lo, amanhã?

40 *Falcoeiro*: adestrador ou criador de falcões para a caça.

41 *Cativoiro*: escravidão, prisão.

42 *Eco*: na mitologia greco-romana, Eco era uma ninfa dos bosques e fontes que se apaixonou por Narciso, jovem insensível ao amor. Desesperada, Eco retirou-se para um lugar solitário, e, triste, foi minguando até se tornar apenas uma voz gemente, a repetir o nome do amado. Esta é uma das lendas que explicam a origem do *eco*.

ROMEU E JULIETA

ROMEU Às nove.

JULIETA Um século até lá... Mas esqueci o que tinha a dizer.

ROMEU Eu espero aqui até você lembrar.

JULIETA Vou esquecer para você ficar aí, só me recordando de como é boa sua companhia.

ROMEU E eu vou ficando para que você se esqueça, enquanto esqueço todos os outros lugares além daqui.

JULIETA É quase dia. Você deve ir, porém não mais longe do que um passarinho de brinquedo de uma menina, que ela finge soltar, mas logo traz de volta ao ninho da mão, puxando-o por um fio de seda, tão ciumenta ela é de sua liberdade...

ROMEU Se eu fosse esse passarinho...

JULIETA Mas eu o mataria de tantos carinhos! Boa noite. A despedida é uma dor tão doce...

ROMEU Que o sono venha aos seus olhos, e a paz ao seu peito! Queria ser esses dois!... Agora, vou procurar meu conselheiro espiritual, pois meu destino precisa de um bom guia.

(Sai)

Cena 3

*CELA*⁴³ *DE FREI LOURENÇO*

(Entra Frei Lourenço com um cesto)

FREI LOURENÇO A manhã cinza sorri; a noite já boceja. Como um bêbado, a escuridão cambaleia, fugindo da trilha do sol, que ela abomina.⁴⁴ Mas, antes que o sol venha alegrar a manhã com seu olhar de fogo, eu preciso abastecer este cesto com sementes e ervas, boas e venenosas. A terra é mãe e túmulo da natureza: produz a morte, mas também a cura. É admirável o poder que há nas plantas e nas pedras: mesmo a mais insignificante delas tem suas virtudes, que, por sua vez, devolve à terra que lhe dá vida. Mas nada é só bom, pois, se o uso é impróprio, ou se há abuso, a própria virtude se transforma em vício. Nesta florzinha inocente pode morar um remédio ou um veneno; seu cheiro faz bem aos sentidos, mas, se ingerida, pode causar morte súbita. Dois reis inimigos opõem, como as plantas, a graça e a atroz cobiça: quando predomina a força negativa, logo o câncer mortal devora esta plantinha viva.

(Entra Romeu)

ROMEU Bom dia, padre!

FREI LOURENÇO Deus o abençoe! Que voz tão macia e matinal me saúda? Que foi? Alguma preocupação ou medo tirou você tão cedo da cama, meu filho? Para os velhos, a preocupação é sentinela, que tira o lugar do sono; mas, para a mocidade, que tem a cabeça despreocupada e muita energia, é só esticar o corpo que o sono logo chega. Vendo você com ar

43 *Cela*: aposento de frades ou de freiras, nos conventos.

44 *Abominar*: detestar.

ROMEU E JULIETA

de quem madruga, pergunto se foi febre, se está escondendo algo ou... será que Romeu não se deitou esta noite...

ROMEU Acertou em parte, mas a melhor parte é só minha.

FREI LOURENÇO Oh, meu Deus! Não diga que passou a noite com Rosalina?

ROMEU Com Rosalina, padre? Que pergunta! Já me esqueci do nome e também da dor.

FREI LOURENÇO Ainda bem, meu filho. Mas, então, onde você esteve?

ROMEU Vou contar, se me permite. Estive numa festa, em casa do inimigo, onde alguém me atingiu com uma seta, sendo também atingido. Ambos queremos um remédio, que somente o senhor pode nos trazer. Não guardo nenhum ódio, santo padre, e este pedido é para mim tanto quanto para a inimiga.

FREI LOURENÇO Seja mais claro, filho. Se a confissão é um enigma, não pode haver absolvição.

ROMEU Pois saiba que me apaixonei pela filha do rico Capuleto. Meu coração é dela, o dela é meu. Já combinamos tudo para o casamento, só faltando marcar local e hora para a sagrada cerimônia. Mais tarde contarei os detalhes; só lhe peço que nos case hoje mesmo.

FREI LOURENÇO Por São Francisco! Mas que mudança! Rosalina, tão adorada, já caiu no esquecimento? Jesus Maria! O amor dos jovens não reside no coração, mas nos olhos. Você chorou tanto por Rosalina! Quanta água salgada em vão jogada fora, por um amor que já não vale mais nada! Meus ouvidos ainda escutam suas queixas; ainda vejo em seu rosto uma lágrima, não lavada, de desgosto. Seu amor era sincero. Como mudou tanto? Ouça esta sentença: a mulher pode fraquejar, se um homem não a sustenta.

ROMEU Você censurava meu amor por Rosalina.

WILLIAM SHAKESPEARE

FREI LOURENÇO Censurava o exagero, não o amor, meu filho.

ROMEU Aconselhou-me a sepultar esse amor.

FREI LOURENÇO Não numa cova onde enterrasse uma e achasse outra.

ROMEU Não me censure mais: a que eu amo agora retribui com amor o meu amor; a outra não retribuía.

FREI LOURENÇO Oh! Ela devia desconfiar que seu amor recitava de cor a lição, sem saber soletrar. Mas vamos deixar disso. Vem comigo, que talvez eu possa ajudá-lo. Quem sabe esta aliança acabe transformando o rancor que separa suas famílias numa pura afeição?

ROMEU Vamos, meu padre, estou com pressa.

FREI LOURENÇO Calma e prudência: quem mais corre, mais tropeça.

(Saem)

Cena 4
UMA RUA

(Entram Benvólio e Mercúcio)

MERCÚCIO Onde diabos foi parar Romeu? Será que ele não foi para casa, esta noite?

BENVÓLIO Para a casa do pai, não. Falei com um criado.

MERCÚCIO É aquela Rosalina pálida, de coração de pedra, que o atormenta, a ponto de deixá-lo quase louco.

BENVÓLIO Tebaldo, aquele parente do velho Capuleto, mandou uma carta ao pai de Romeu.

MERCÚCIO É um desafio, aposto.

BENVÓLIO Romeu vai responder.

MERCÚCIO Qualquer um que saiba escrever pode responder a uma carta.

BENVÓLIO Não é isso: ele vai responder ao autor da carta, provocação por provocação.

MERCÚCIO Pobre Romeu! Ele já está morto! Apunhalado pelos olhos negros de uma donzela branca, com os ouvidos embaçados por uma canção de amor, com o coração trespassado pela flecha sem ponta de um arqueiro cego: é esse o homem que vai enfrentar Tebaldo?

BENVÓLIO Ora, quem é afinal esse Tebaldo?

MERCÚCIO Muito mais que o príncipe dos gatos, garanto. É um corajoso campeão dos salamaleques.⁴⁵ Ele esgrima com as mesmas minúcias com que você canta uma ária⁴⁶, mantendo o compasso, os intervalos e o andamento. Observe suas pausas: uma, duas... e a terceira é a espada no seu peito. É um

45 *Salamaleque*: cumprimento. Aqui, no sentido de formalidades do duelo.

46 *Ária*: peça de música para uma só voz.

verdadeiro duelista, um cavalheiro de primeira linha em todas as causas de primeira e segunda categorias! Ah, o seu *passado!*... O seu *punto reverso!*... O seu “tome esta”!...⁴⁷

BENVÓLIO Aí vem Romeu! Aí vem Romeu!

(*Entra Romeu*)

MERCÚCIO Mais parece um bacalhau seco. Oh, carne, carne, como você está peixificada! Agora ele só lê versos de Petrarca:⁴⁸ em comparação com sua amada Rosalina, Laura não passava de uma cozinheira (ainda bem que teve um bom amante para imortalizá-la com seus versos!...); Dido, uma lambisgóia; Cleópatra, uma cigana; Helena e Hero, bruxas e putas; Tisbe, uma sujeitinha sem importância...⁴⁹ Bom dia, *signor*⁵⁰ Romeu! Esta noite você nos aprontou uma boa.

ROMEU Bom dia aos dois. O que foi que eu aprontei?

MERCÚCIO Você foi saindo de mansinho, deu no pé, não lembra?

ROMEU Perdão, caro Mercúcio, mas eu tinha um assunto sério a resolver. Num caso assim, parece justo forçar um pouco a cortesia...

MERCÚCIO Você quer dizer que num caso assim somos obrigados a dar no pé.

ROMEU Sim, por cortesia.

MERCÚCIO Muito bem explicado!

ROMEU É porque se trata de uma explicação muito cortês.

MERCÚCIO Fique sabendo que eu sou a fina flor da cortesia!

ROMEU A fina flor das flores é o que você é!

47 *Passado, punto reverso, “tome esta”*: golpes de esgrima.

48 *Petrarca*: Francesco Petrarca, poeta e humanista italiano (1304-1374), criador do soneto. Em seus versos imortalizou a figura de Laura, sua amada.

49 *Dido, Cleópatra, Helena, Hero, Tisbe*: famosas heroínas de histórias de amor.

50 *Signor*: senhor, em italiano (pronuncia-se “sinhor”).

ROMEU E JULIETA

MERCÚCIO Exato.

ROMEU Até os sapatos coloridos...

MERCÚCIO Muito espirituoso.⁵¹ Continue com suas pilhérias⁵² até gastar os sapatos, porque quando estiver gasta sua última sola, ficará sozinha também sua pilhéria singular.

ROMEU Isso é o que se chama piada de sola fina, muito espirituosa para um solteirão de meia-sola.

MERCÚCIO Acuda, Benvólio, que meu fôlego está no fim.

ROMEU Duro nele, duro nele; senão, cantarei vitória.

MERCÚCIO É natural cantar vitória. Agora, sim, você se revela sociável. Agora, sim, você é o nosso verdadeiro Romeu, você é o que é por arte e natureza. Porque esse seu amor disparatado é como o de um grande idiota que sai por aí correndo, cambaleando, para no fim esconder a cabeça num buraco qualquer.

BENVÓLIO Chega, chega!

MERCÚCIO Ora, você quer que eu corte minha história e a deixe cotó?⁵³

BENVÓLIO Sim. Do contrário ficaria de rabo muito comprido.

MERCÚCIO Mas eu já estava chegando no fundo da história, não ia prosseguir mais.

ROMEU Oh, que bela embarcação!

(Entram a ama e Pedro)

MERCÚCIO Uma vela! Uma vela!

BENVÓLIO Duas! Uma camisa e um casaco!

AMA Pedro!

PEDRO Pronto!

51 *Espituoso*: gracioso, bem-humorado.

52 *Pilhéria*: gozação.

53 *Cotó*: cortado, mutilado.

AMA Meu leque, Pedro.

MERCÚCIO Sim, pobre Pedro, para esconder a cara dela, porque, dos dois, o leque é mais passável!

AMA Deus lhes dê bom dia, cavalheiros!

MERCÚCIO E para a senhora boa tarde, bela senhora!

AMA Já é de tarde?

MERCÚCIO Não será menos, garanto, porque a mão obscena do mostrador está, neste momento, segurando o ponteiro do meio-dia.

AMA Fique longe de mim! Que espécie de homem é você?

ROMEU Minha senhora, é um homem que Deus fez para arruinar a si próprio.

AMA Por Deus, você fala bem. “Para arruinar a si próprio”... Cavalheiros, alguém pode dizer-me onde encontrar o jovem Romeu?

ROMEU Eu posso. Mas, quando encontrar o *jovem* Romeu, ele estará um pouco mais velho do que neste momento. Por falta de outro pior, sou eu o mais jovem desse nome.

AMA Muito bem.

MERCÚCIO Para ela, o pior está bem.

AMA Se o senhor for ele, preciso ter uma palavrinha em particular com o senhor.

BENVÓLIO Deve ser convite para alguma ceia.

MERCÚCIO Uma alcoviteira, uma alcoviteira!

ROMEU Você farejou alguma coisa?

MERCÚCIO Não será uma lebre, a menos que seja uma lebre de pastel de quaresma, já meio passada e embolorada antes mesmo de ser comida. A propósito, vamos almoçar na casa de seu pai?

ROMEU Vão na frente, que eu vou em seguida.

MERCÚCIO Adeus, idosa senhora, adeus.

(*Saem Mercúcio e Benvólio*)

AMA Adeus, arre! Por favor, cavalheiro, pode me dizer quem é este descarado que só tem velhacarias⁵⁴ na cabeça?

ROMEU Um cavalheiro, minha senhora, que adora ouvir sua própria voz, e que fala mais em um minuto do que poderia escutar em um mês.

AMA Se ele disser alguma coisa contra mim, vai ver o que é bom... Mesmo que seja mais forte do que parece, acabaria com ele em três tempos... Se eu não conseguisse, encontraria que me ajudasse. Insolente! Não sou nenhuma de suas rameiras, nenhuma de suas vadias... (*Para Pedro*) E você?! Fica aí parado, consentindo que qualquer malandro abuse de mim como bem entender?

PEDRO Eu não vi ninguém abusando da senhora como bem entendesse, porque, se tivesse visto, teria logo sacado minha espada. Posso ser tão rápido nisso como qualquer outro, desde que... a lei esteja a meu lado.

AMA Por Deus, estou com tanta raiva que meu corpo está tremendo todo! Sujeitinho insolente! Mas, desculpe, senhor, só uma palavrinha: minha jovem senhora mandou que eu o procurasse. O que ela ordenou que eu dissesse é segredo que guardarei comigo. Mas primeiro permita que eu lhe diga que, se o senhor pretende levá-la para o paraíso dos loucos, como se diz, seria uma ação das mais condenáveis, como se diz. Porque minha senhora é jovem e, se o senhor tentar fazer com ela um jogo duplo, será uma coisa muito ruim, um jeito muito baixo de proceder com uma nobre senhorita.

ROMEU Ama, recomende-me à sua senhora. Eu juro que...

AMA Ai, que bom! Pois vou dizer a ela isso mesmo! Como ela vai

54 *Velhacaria*: indecência.

ficar contente!

ROMEU Mas o que é que você vai dizer, se eu ainda não falei nada?

AMA Vou dizer que o senhor jurou, o que me parece ser uma promessa de cavalheiro.

ROMEU Diga a ela que encontre um jeito de ir hoje à tarde confessar-se, na cela de Frei Lourenço, para confessar e... casar. Agora, aceite isto pelo seu trabalho.

AMA Não, senhor, nem uma moedinha.

ROMEU Vamos, faço questão.

AMA Esta tarde, senhor, ela estará lá.

ROMEU Espere um pouco. Dentro de uma hora, atrás do muro da abadia, um criado vai entregar-lhe uma escada de cordas, para que eu chegue, na calada da noite, até o topo de meu amor. Adeus. Continue fiel, e saberei recompensá-la. E dê recomendações à senhorita.

AMA Deus o abençoe! Mas, escute, senhor...

ROMEU O que é, querida ama?

AMA Seu criado é de confiança?

ROMEU Posso assegurar que ele é mais firme que o aço.

AMA Muito bem. Minha senhora é uma moça muito gentil... Oh, meu Deus! Quando ela ainda era uma criança tagarela, um cavalheiro da cidade, um certo Páris, já estava disposto a lançar o seu arpão para abordá-la. Porém, ela prefere ver um sapo pela frente a olhar para ele! Às vezes, fico zangada e digo que Páris é um bom partido. Mas posso garantir que quando digo isso ela fica mais pálida que cera. Por acaso rosmaninho⁵⁵ e Romeu não começam com a mesma letra?

ROMEU Sim, ama, ambos começam por R. Mas por quê?

55 *Rosmaninho*: alecrim.

ROMEU E JULIETA

AMA R parece rosnado de cão... Não é esta letra, não. Sei muito bem que a palavra que estou pensando começa por outra letra. Minha senhora compôs para o senhor e o rosmãozinho as mais lindas rimas, que o senhor terá grande prazer em ouvir.

ROMEU Recomende-me à sua senhora.

AMA Recomendarei mil vezes. Pedro!

PEDRO Pronto!

AMA Segure o meu leque e vá na frente!

(Saem)

Cena 5

JARDIM DOS CAPULETO

(Entra Julieta)

JULIETA Eram nove horas quando mandei a ama procurar Romeu. Ela disse que voltava em meia hora! Será que não o encontrou? Oh! Ela é coxa!⁵⁶... Os mensageiros do amor deveriam ser como o pensamento, mais rápido que os raios de sol quando expulsam as sombras de uma colina. Por isso é que o amor é sempre levado por ligeiras pombas, e Cupido possui asas velozes como o vento! Agora o sol já está no cume: das nove ao meio-dia, três horas demoradas... e ela não chega! Se estivesse apaixonada e fosse jovem, correria como uma bala; minhas palavras a lançariam para o meu amor, e as dele a projetariam de volta a mim. Mas gente velha parece morta, são lerdos e pesados como o chumbo!

(Entram a ama e Pedro)

Até que enfim, meu Deus!... Que novidades me trouxe, querida ama? Falou com ele? Mande embora o criado.

AMA Pedro, espere no portão.

JULIETA E então, mãezinha? Oh, meu Deus, por que você está triste? Se forem más as novidades, conte-as com cara alegre; se forem boas, não estrague a música contando-as com esta cara tão azeda.

AMA Deixe-me descansar um pouco, estou exausta! Os ossos me doem. Corri tanto!

JULIETA Eu lhe daria meus ossos para saber as novidades. Por favor, mãezinha, conte!

AMA Jesus, quanta pressa! Não pode esperar um pouco? Não está

56 *Coxo*: manco.

ROMEU E JULIETA

vendo que estou sem fôlego?

JULIETA Como está sem fôlego para contar, se tem fôlego para me dizer que está sem fôlego? Este pretexto é mais comprido do que a própria história a que serve de desculpa. As notícias são boas ou ruins? Vamos, responda logo, que os detalhes eu ouvirei mais tarde, com paciência. Mas diga, são boas ou ruins?

AMA Bem... você fez uma escolha muito simples, porque você simplesmente não sabe escolher um homem. Romeu? Ah, ele não! Apesar de ter o rosto mais bonito que o outro, e pernas que superam todos os homens, e as mãos, os pés, o corpo... bem, estão acima de qualquer comparação. Ele não é nenhuma flor de cortesia, mas, posso assegurar, é manso como um cordeiro. Continue nesse caminho, menina, servindo a Deus. Como, já jantaram por aqui?!

JULIETA Não, não! Mas tudo isto eu já sabia. E sobre o casamento, o que ele disse?

AMA Ai, que dor de cabeça! Minha cabeça está latejando, parece que vai arrebentar em vinte pedacinhos! E também minhas costas. Ai, que dor nas costas! Você vai se arrepender de ter-me feito quase morrer correndo por aí!

JULIETA Eu juro, eu sinto muito que você não esteja se sentindo bem. Mas, ama querida, o que disse meu amado?

AMA Bem, seu amado disse, como um cavalheiro honesto, cortês, gentil, bonito e, posso jurar, virtuoso... Onde está sua mãe?

JULIETA Minha mãe? Está lá dentro. Onde mais poderia estar? Que resposta ridícula! “Seu amado disse, como um cavalheiro honesto... onde está sua mãe?”

AMA Meu Deus do céu! Que fúria! É esse o remédio que você oferece para meus ossos? De agora em diante, trate de dar você mesma seus recados.

WILLIAM SHAKESPEARE

JULIETA Quantos melindres! E Romeu, o que ele disse?

AMA Você tem permissão para ir se confessar?

JULIETA Tenho.

AMA Então, vá correndo à cela de Frei Lourenço, onde encontrará seu futuro marido. Estou vendo que o sangue quente já subiu ao seu rosto: as novidades deixam você vermelha. Corra à capela, que irei depois, pois vou buscar uma escada, para que seu amado possa chegar, à noite, ao ninho do pássaro. Eu sou mesmo a besta de carga da sua festa, não sou? Agora vou jantar; você vai para a cela do frei.

JULIETA Vou para o céu! Até mais, querida ama!

(Saem)

Cena 6

CELA DE FREI LOURENÇO

(Entram Frei Lourenço e Romeu)

FREI LOURENÇO Que o céu abençoe este sagrado ato, para que as horas tristes jamais o venham perturbar!

ROMEU Amém, amém! Mas nem todas as tristezas do mundo podem apagar a alegria de ver Julieta por um breve minuto. Enlace nossas mãos com palavras sagradas, e basta; depois, a morte, que até o amor devora, pode fazer o que quiser. Para mim é suficiente poder dizer que ela é *minha*!

FREI LOURENÇO Alegrias violentas também têm um fim violento, triunfam como a pólvora e fogo, que se unem por um instante e se consomem. Até o mel mais doce, por sua própria delícia, acaba tornando-se enjoativo e estragando o paladar mais ávido... Tenha moderação no amor: o apressado no final atrasa-se tanto quanto o lerdo.

(Entra Julieta)

Eis a noiva que chega! Com passos tão leves, jamais desgastaria a pedra mais duradoura. Um apaixonado pode equilibrar-se, sem cair, sobre a mais tênue⁵⁷ teia de aranha que o vento do verão balança, tão leve é a presunção.⁵⁸

JULIETA Bom dia para o meu santo confessor!

FREI LOURENÇO Romeu agradecerá por nós dois, filha.

JULIETA Ele também está incluído nesse bom dia, senão o agradecimento seria imerecido...

ROMEU Julieta, se a sua felicidade for tão grande quanto a minha, e se você possuir a arte de aumentá-la com suas palavras,

57 *Tênue*: fino, delicado.

58 *Presunção*: pretensão, vaidade.

WILLIAM SHAKESPEARE

que são música para os meus ouvidos, fale sobre a alegria que compartilhamos hoje, neste encontro tão doce.

JULIETA Meu sentimento é mais rico que as palavras, contenta-se com a essência, não com ornamentos... Somente os pobres contam seu dinheiro; meu amor sincero chegou a tanto, que não posso avaliar nem sequer a metade da riqueza que posuo!

FREI LOURENÇO Vamos, vamos, simplifiquemos o ofício.⁵⁹ Não pretendo deixá-los sozinhos até que a santa Igreja celebre o casamento.

(Saem)

⁵⁹ *Ofício*: cerimônia.

TERCEIRO ATO

Cena 1

UMA PRAÇA PÚBLICA

BENVÓLIO Meu caro Mercúcio, vamos embora. Faz calor, e os Capuleto estão por aí. Se os encontrarmos, vai haver briga. O sangue ferve fácil nesses dias quentes...

MERCÚCIO Você parece um desses tipos que, quando entram numa taberna, batem com a espada na mesa e gritam: “Queira Deus que eu não venha a precisar de você!” e, depois do segundo copo, já estão sacando a espada até mesmo contra o taberneiro e sem nenhum motivo.

BENVÓLIO Você acha que eu sou como esses?

MERCÚCIO Ora, você é dos mais esquentados de toda a Itália, tão inclinado ao mau-humor quanto mal-humorado nas inclinações.

BENVÓLIO E o que mais?

MERCÚCIO Se houvesse dois como você, em pouco tempo não haveria mais ninguém, porque se matariam mutuamente. Você é capaz de brigar com alguém só porque tem um fio a mais ou a menos na barba do que você; ou então porque um sujeito esteja comendo castanhas, e você tem os olhos dessa cor. Que outros olhos, senão os seus, encontrariam tantas razões para brigas? Sua cabeça está mais cheia de brigas que um ovo... de galos: é por isso que sua cabeça tem sido mais batida que clara de ovo. Eu já vi você brigar com um homem que tossiu na rua e acordou seu cachorro, que estava dormindo ao sol. E você não brigou com aquele alfaiate, só porque vestiu um terno novo antes da Páscoa? E com aquele outro, só porque amarrou sapatos novos com cordões velhos? Sen-

do como é, você ainda vem me dar lições de prudência?

BENVÓLIO Se eu fosse tão briguento como você, apostaria o cacife⁶⁰ de toda minha vida ao primeiro que me assegurasse cem minutos de existência!

MERCÚCIO O cacife de toda sua vida? Patife!...

BENVÓLIO Por minha cabeça, aí vem um Capuleto.

MERCÚCIO Por meu pé, não ligo a mínima.

(Entram Tebaldo e outros)

TEBALDO Fiquem por perto, vou falar com eles. Bom dia, cavaleiros! Uma palavra com qualquer um de vocês.

MERCÚCIO Só uma palavra com só um de nós? Por que não acrescenta mais alguma coisa... uma palavra e uma estocada⁶¹, por exemplo?

TEBALDO Estarei disposto a isso, quando me oferecer uma oportunidade.

MERCÚCIO Quer dizer que você não achará oportunidade, se não a oferecermos?

TEBALDO Mercúcio, você está concertado com Romeu...

MERCÚCIO Concertado? Você acha que somos menestrais? Se acha, prepare-se para ouvir desarmonias. Aqui está o arco do meu violino (*bate na espada*), que pode fazê-lo dançar! Concertado!

BENVÓLIO Estamos em uma praça pública, há muita gente. Ou vamos para um lugar mais discreto ou vão embora, porque está todo mundo nos olhando.

MERCÚCIO Que olhem! Daqui não dou um passo.

TEBALDO Fiquem sossegados, senhores. Ali vem o meu homem.

MERCÚCIO Que me enforcem, se ele usa sua farda. Mas vá para

60 *Cacife*: o valor que cada jogador de cartas possui para iniciar o jogo.

61 *Estocada*: golpe com a ponta da espada.

ROMEU E JULIETA

a arena, e ele o seguirá: aí você vai ver quem é “o meu homem”.

(*Entra Romeu*)

TEBALDO O ódio que você me inspira, Romeu, só me permite dizer-lhe isto: *canalha*.

ROMEU Tenho minhas razões para estimá-lo, Tebaldo, o que anula essa sua acusação. Não sou canalha. Adeus; bem vejo que você não me conhece.

TEBALDO Estas palavras não apagam as injúrias que você me tem feito. Dê meia volta e saque a espada!

ROMEU Declaro que jamais lhe fiz uma injúria. Gosto de você mais do que imagina! Quando souber os motivos, você entenderá. Fique tranqüilo, meu caro Capuleto: meu nome é igual ao seu.

MERCÚCIO Que submissão, que covardia vergonhosa! Só uma estocada resolve este problema! (*saca a espada*) Tebaldo, caçador de ratos, quer dar umas voltinhas?

TEBALDO O que você quer de mim?

MERCÚCIO Nada mais, meu bom rei dos gatos, do que uma de suas sete vidas, que tomarei a liberdade de tirar, deixando as outras seis para malhar depois, conforme o tratamento que você me der. Ouviu? Vai sacar a espada da bainha ou vai esperar que eu acerte sua orelha?

TEBALDO (*sacando a espada*) Estou a seu dispor.

ROMEU Mercúcio, guarde essa espada!

MERCÚCIO Vamos, meu caro senhor!

(*Duelam*)

ROMEU Benvólio, saque a espada, vamos desarmá-los! Cavalheiros, que vergonha! Mercúcio! Tebaldo! É uma ordem do príncipe: são proibidos os duelos em Verona! Tebaldo!... Bom Mercúcio!... Parem!...

(Tebaldo acerta Mercúcio entre os braços de Romeu; saem Tebaldo e seus seguidores)

MERCÚCIO Fui ferido. Que a peste caia em suas casas! Estou morto! E ele foi embora, sem sofrer nada?

BENVÓLIO Como assim, ferido?

MERCÚCIO Foi só um arranhão, mas já chega. Onde está o pajem? Corra chamar um cirurgião!

(Sai o pajem)

ROMEU Coragem, não pode ser assim tão grave.

MERCÚCIO De fato, não é tão fundo como um poço, nem tão largo como uma porta de igreja; mas é o suficiente. Perguntem por mim amanhã, e irão encontrar-me bem quieto... Já estou curtido e temperado! Droga! Um cão, um rato, um camundongo, um gato acertar um homem deste jeito! Um fanfarrão, um pilantra, um vilão, que esgrima conforme as regras da aritmética! Por que diabo você se meteu entre nós? Fui ferido sob seu braço.

ROMEU Tive a melhor das intenções.

MERCÚCIO Leve-me para alguma casa, Benvólio, ou vou desmaiar. Que a peste caia em suas casas!⁶² Virei pasto de vermes. Já recebi o meu quinhão⁶³. Malditos!

(Saem Mercúcio e Benvólio)

ROMEU Por minha causa, foi ferido mortalmente este meu caro e leal amigo, parente tão próximo do príncipe! Minha reputação está manchada pelo insulto de Tebaldo, que é meu primo há uma hora. Ah, doce Julieta, sua beleza tornou-me um efeminado, amoleceu a têmpera⁶⁴ de minha coragem de aço!

62 *Casa*: o conjunto dos membros de uma família; instituição familiar.

63 *Quinhão*: o destino, a parte de cada um na vida.

64 *Têmpera*: temperamento, índole, e também o grau de dureza do aço.

ROMEU E JULIETA

(Volta Benvólio)

BENVÓLIO Romeu, Romeu, Mercúcio está morto! Aquele bravo espírito desprezou a terra e foi precocemente para as nuvens...

ROMEU Negro destino de um negro dia: este apenas inicia a desgraça que outros completarão.

(Volta Tebaldo)

BENVÓLIO Aí vem outra vez Tebaldo, furioso.

ROMEU Ele, vivo e triunfante, e Mercúcio morto! Para o céu, prudente reverência! Que o olhar da fúria seja o meu guia! Tebaldo, retire agora o “canalha” que você há pouco me emprestou; a alma de Mercúcio ainda paira sobre nossas cabeças, esperando que a sua vá fazer-lhe companhia. Ou você ou eu, ou ambos, temos de ir com ele.

TEBALDO Você, moleque desgraçado, que tocava com ele, acompanhe-o de novo!

ROMEU Vamos decidir isto!

(Duelam; Tebaldo cai)

BENVÓLIO Fuja depressa, Romeu! Os cidadãos se exaltaram! E Tebaldo está morto! Não fique aí parado, porque o príncipe irá condená-lo à morte se o pegarem aqui! Fuja depressa!

ROMEU Virei joguete⁶⁵ do destino!

BENVÓLIO Vá, o que está esperando?

(Sai Romeu; entram cidadãos)

CIDADÃO Para onde ele foi, o que matou Mercúcio? Para onde foi Tebaldo, o assassino?

BENVÓLIO Tebaldo? Aqui.

CIDADÃO Em nome do príncipe, você está detido.

(Entram o príncipe e comitiva; Montéquio,

65 *Joguete*: brinquedo.

Capuleto e senhoras; e outras pessoas)

PRÍNCIPE Como se iniciou esta briga?

BENVÓLIO Eu posso contar, príncipe, como começou esta disputa fatal. Ali jaz Tebaldo, que matou o bravo Mercúcio, seu parente, e foi morto pelo jovem Romeu.

SENHORA CAPULETO Ai, Tebaldo, o filho de meu irmão! Oh, príncipe! Ai, meu marido! Sangue de um parente correndo ali no chão! Se houver justiça, senhor príncipe, o pagamento deve ser o sangue de um Montéquio!

PRÍNCIPE Então, Benvólio, quem começou esta briga sangrenta?

BENVÓLIO Tebaldo, que aí está, morto pelas mãos de Romeu. Romeu falou-lhe brandamente, pedindo que ele ponderasse como a rixa era tola... invocou até mesmo a autoridade de Sua Alteza. E tudo isso calmo, com voz pausada e gesto cortês. Mas nem assim conseguiu acalmar o furor de Tebaldo, que, surdo ao pedido de paz, dirige o aço pontiagudo ao peito de Mercúcio, o qual rebate golpe a golpe e, com solene desprezo, afasta a morte com a esquerda, enquanto a devolve a Tebaldo com a direita. Romeu grita bem alto: “Parem, amigos, apartem-se!” E, com um gesto mais rápido que a língua, interpõe-se entre eles; no entanto, um golpe traiçoeiro de Tebaldo acerta Mercúcio sob o braço de Romeu. Tebaldo foge, e Romeu jura vingança. Tebaldo volta logo depois, e a luta entre eles se trava na velocidade de um relâmpago. Antes que eu pudesse separá-los, Tebaldo cai sem vida... e Romeu foge. Que eu morra, se isto não for verdade.

SENHORA CAPULETO É um parente dos Montéquio: o sentimento distorce a sua fala, ele não diz a verdade. Devem ter sido uns vinte que lutaram nesta briga sinistra, contra uma só vida. Exijo justiça, príncipe! Romeu matou Tebaldo, Romeu deve morrer!

ROMEU E JULIETA

PRÍNCIPE Romeu matou Tebaldo... que matou Mercúcio. Quem pagará o preço desse caro sangue?

MONTÉQUIO Romeu não, príncipe. Ele era amigo de Mercúcio, e sua falta foi apenas antecipar-se à sentença da lei, matando Tebaldo incontinenti.⁶⁶

PRÍNCIPE Por esse crime, ele deve ser exilado de Verona. O ódio de vocês também me atingiu de perto, fazendo derramar o sangue dos meus. Mas eu hei de lhes impor uma pena tão dura, que irão se arrepender da perda que estou sofrendo! Não ouvirei pedidos nem desculpas; nem lágrimas nem súplicas poderão abalar-me. Façam Romeu partir depressa; se ele for encontrado aqui, será sua última hora! Levem este corpo. E que o decreto seja cumprido: a clemência⁶⁷ seria assassina, se perdoasse àqueles que matam.

(*Saem*)

66 *Incontinenti*: imediatamente.

67 *Clemência*: bondade, perdão.

Cena 2

UM QUARTO NA CASA CAPULETO

(Entra Julieta)

JULIETA Corram, corcéis de fogo, para a morada de Febo!⁶⁸ Um bom condutor, como Faetonte⁶⁹, saberia levá-los a galope para o poente, fazendo chegar rápido a noite escura! Espalhe a sua cortina, ó noite, guardiã dos amores, para que olhos curiosos nada vejam e para que Romeu possa vir até meus braços, silencioso e invisível! Os amantes devem enxergar, no rito do amor, somente com a luz de sua própria beleza: se o amor de fato é cego, vai bem com a negra noite. Venha, ó noite circunspecta,⁷⁰ vestida como uma senhora austera, e me ensine a perder esta partida já ganha, jogada por duas virgindades sem mácula! Esconda com seu manto escuro o rubor que sobe ao meu rosto, até que o tímido amor, tornando-se corajoso, veja apenas inocência no ato do amor verdadeiro! Venha, noite! Venha, Romeu, meu dia à noite! Voando nas asas da noite, você ficará mais claro que a neve perto de um corvo! Venha, amorosa noite de escuras pestanas! Traga o meu Romeu... e se acaso um dia ele morrer, transforme-o em pedacinhos de estrelas, e ele deixará a face do céu tão bela, que todo o mundo vai amar a noite, deixando de adorar o sol! Ai, eu comprei a casa de um amor, mas ainda não tomei posse dela; e embora eu já me encontre vendida, ainda não

68 *Febo*: outro nome de Apolo, deus da mitologia greco-romana, aqui identificado com o Sol.

69 *Faetonte*: na mitologia greco-romana, Faetonte, filho do Sol, quis conduzir o carro do pai, que trazia o dia à Terra; não sendo capaz de fazê-lo, causava grandes estragos e teve que ser fulminado por Júpiter.

70 *Circunspecto*: sério, sisudo.

ROMEU E JULIETA

fui possuída!... Está tão tedioso este dia, como a véspera de uma noite de festa para uma criança impaciente, que já ganhou roupa nova, mas ainda não pode vesti-la! Oh! Aí vem a ama... Ela deve trazer notícias, e, para mim, todas línguas que pronunciam o nome de Romeu têm uma eloquência especial.

(Entra a ama, com as cordas)

Então, ama, e as novidades? O que está trazendo aí? São as cordas de Romeu?

AMA Meu Deus, as cordas.

(Atira-as ao chão)

JULIETA O que está acontecendo? Por que você torce as mãos assim?

AMA Ai, que desgraça! Ele está morto, morto! Estamos perdidas, senhorita! Que desgraça! Mataram-no! Ele está morto!

JULIETA Pode o céu ser tão invejoso?

AMA Romeu pode, embora o céu não possa. Ai, Romeu, Romeu! Quem poderia imaginar?

JULIETA Por que diabos você me atormenta assim? Isso é tortura para condenados no Inferno! Por acaso Romeu suicidou-se? Basta que diga “sim”, e essa palavrinha me envenenará mais do que o fatal olhar do basilisco!⁷¹ Deixarei de existir, se houver um tal “sim”, e se já estiverem sem vida os olhos que esse “sim” indica... Ele morreu? Diga “sim” ou “não”: esse som será tudo para meu coração!

AMA Eu vi o ferimento, com meus próprios olhos! Deus nos acuda! Eu vi a marca, bem no meio do peito! Pobre cadáver!

71 *Basilisco*: réptil fantástico, de oito pernas, segundo alguns em forma de serpente, com um só olho, capaz de matar pelo bafo, pelo contato ou apenas pela vista.

Ensangüentado, pálido como cinza, coberto de sangue coagulado! Desmaiei quando o vi.

JULIETA Oh, meu coração, se despedace de uma vez! Vão para a prisão, meus olhos, e nunca mais contemplarão a liberdade! Chão vil, onde a morte nunca erra, que sobre você e Romeu tenha a terra o mesmo peso!

AMA Oh, Tebaldo, Tebaldo! Grande amigo! Tebaldo, um cavalheiro tão honesto! Como pude viver para vê-lo morto?

JULIETA Que turbulenta tempestade é esta? Romeu assassinado, e Tebaldo sem vida? Meu caro primo, meu querido esposo? Que soem então as trombetas do Juízo Final! Se os dois morreram, quem mais pode estar vivo?

AMA Tebaldo morreu, e Romeu foi banido.⁷² Romeu, o assassino, foi imediatamente banido!

JULIETA Oh, Deus! Romeu derramou o sangue de meu primo Tebaldo?

AMA Derramou, sim, derramou. Oh, que dia!

JULIETA Coração de serpente em rosto de flor! Já terá existido um tal dragão em tão bela caverna? Formoso tirano! Monstro angelical! Abutre-pomba! Cordeiro com fome de lobo! Substância desprezível com aparência divinal! Justamente o oposto do que parecia ser!... Um santo maldito, um honrado vilão! Oh, natureza, o que foi você fazer no inferno, quando resolveu pôr o espírito de um monstro no paraíso mortal de um corpo tão perfeito? Já houve livro de matéria tão vil, tão bem encadernado? Como a mentira pode habitar um palácio assim?

AMA Nos homens não há fé, nem confiança, nem honestidade. São

72 *Banido*: exilado, desterrado.

todos hipócritas, falsos e perjuros⁷³! São todos desprezíveis! Onde está meu criado? Que me traga um pouco de aguardente! Tantas mágoas e tristezas deixam-me velha. Que a vergonha caia sobre Romeu!

JULIETA E que uma praga queime sua língua por haver desejado tal coisa! Romeu não nasceu para a vergonha. A vergonha se envergonharia de pousar na frente⁷⁴ dele, que é um trono onde a honra poderia ser coroada como o mais incontestável rei da terra! Que monstro eu fui ao insultá-lo assim!

AMA Mas como falar bem de quem matou seu primo?

JULIETA E posso falar mal de quem é meu marido? Ah, pobre amado, que língua irá limpar seu nome se eu, sua esposa há apenas três horas, já quase o sujei? Mas por que, infeliz, matou meu primo? É que meu desgraçado primo iria matá-lo... Voltem, lágrimas tolas, à sua fonte de origem; as gotas tributárias⁷⁵ da tristeza correm, por engano, de alegria: meu esposo está vivo! Tebaldo quis matá-lo, mas está morto. Isso consola! Então, por que chorar? Mas há uma palavra pior do que a morte de Tebaldo, e que me mata. Queria esquecê-la, mas... ela não me sai da memória: “Tebaldo morreu, e Romeu foi *banido*!” *Banido*! Esta única palavra mata dez mil Tebaldos! A morte de Tebaldo já seria tristeza suficiente, se tivesse terminado por aí... Ou, ainda que a tristeza amasse companhia e viesse sempre seguida de outras desgraças, por que é que, ao dizer “Tebaldo morreu”, não acrescentou: “seu pai, sua mãe também morreram”, o que seria razão de sobra para lamentações?... Mas, após a morte de Tebaldo, anunciar

73 *Perjuro*: aquele que jura em falso.

74 *Fronte*: rosto.

75 *Lágrimas tributárias da tristeza*: lágrimas que normalmente são motivadas pela tristeza.

WILLIAM SHAKESPEARE

“Romeu foi banido” é o mesmo que matar pai, mãe, Tebaldo, Romeu e Julieta ao mesmo tempo! Não tem fim, não tem limite, não tem medida, não tem tamanho a tristeza contida no som dessas palavras! Onde estão meus pais, ama?

AMA Chorando e lamentando a morte de Tebaldo. Quer vê-los? Eu a levo lá.

JULIETA Eles lavam o corpo de Tebaldo com lágrimas de dor. Quando secarem, eu derramarei as minhas pelo exílio de Romeu. Pegue as cordas. Pobres cordas, enganadas como eu! Vocês seriam o caminho para minha cama; mas vou morrer viúva e virgem. Vem, ama, traga-me as cordas, até o meu leito nupcial, pois quem levará minha virgindade não é Romeu, mas a morte.

AMA Corra para seu quarto, que eu vou encontrar Romeu, para consolar você. Acho que sei onde ele está. Esteja certa de que Romeu virá esta noite. Ele está escondido na cela de Frei Lourenço.

JULIETA Encontre-o! Entregue-lhe este anel e peça-lhe que venha trazer-me o último adeus!

(Saem)

Cena 3

CELA DE FREI LOURENÇO

(Entra Frei Lourenço)

FREI LOURENÇO Entre, Romeu, malfadado! Parece que as aflições se enamoraram de você e que você se casou com a desgraça!

(Entra Romeu)

ROMEU Quais as notícias, padre? Qual foi a sentença do príncipe? Que outra dor, que ainda não conheço, deseja tocar-me de perto?

FREI LOURENÇO Você tem se mostrado íntimo dessas tristes companhias, filho. Vou contar-lhe a decisão do príncipe.

ROMEU Será menos que uma sentença de morte?

FREI LOURENÇO Ele pronunciou uma sentença mais branda: não a morte para o seu corpo, mas o desterro...

ROMEU O desterro?! Seja clemente e diga logo “morte”! O desterro tem aparência mais horrível do que a própria morte! Por favor, não repita mais essa palavra!

FREI LOURENÇO Você está expulso de Verona. Tenha paciência, porque o mundo é vasto.

ROMEU Além dos muros de Verona não existe o mundo: só torturas, purgatório e o próprio inferno! Ser banido daqui é ser banido do mundo, e ser banido do mundo é a morte. O desterro é outro nome para a morte: assim, dando à morte esse nome, cortam-me a cabeça com machado de ouro, zombando do golpe que me tira a vida!

FREI LOURENÇO Que pecado mortal! Que ingratidão mais grosseira! Nossas leis pedem morte pela falta que você cometeu; porém o príncipe generoso tomou seu partido, deixando a lei

de lado e transformando em exílio a horrível sentença de morte. Foi uma grande graça, e você não quer ver.

ROMEU É tortura, não graça. O céu só existe onde está Julieta. Um simples gato, um cachorro, um ratinho, os seres mais ínfimos aqui vivem no céu e podem vê-la. Mas Romeu não pode! As moscas-varejeiras têm mais importância, dignidade e direitos que Romeu: elas podem pousar nas brancas mãos de Julieta ou roubar uma bênção imortal de seus lábios, que, de tão puros, ficam vermelhos por pensar que o próprio beijo de um no outro é pecado! Mas Romeu não pode! E o senhor ousa dizer que o desterro não é a morte? Não pode me arranjar algum veneno, um punhal afiado, ou qualquer outro tipo de morte rápida que acabe comigo, sem ser esse “banido”? Ora, banido, padre! Os condenados no inferno urram ao pronunciar essa palavra, padre! Como é que o senhor, um homem santo, um confessor espiritual, que pode perdoar pecados e é meu amigo declarado, me esmaga com uma tal palavra, “desterro”?

FREI LOURENÇO Rapaz sem juízo! Escute-me um pouco...

ROMEU Vai falar em desterro outra vez!?

FREI LOURENÇO Vou lhe dar uma armadura para defender-se dessa palavra: beba como consolo o doce leite da adversidade, a filosofia, embora você esteja mesmo banido.

ROMEU *Banido*, de novo!?! Dane-se a filosofia! A menos que ela consiga criar uma Julieta, mudar uma cidade, reverter a sentença de um príncipe, de nada vale, não adianta. Não me fale mais!

FREI LOURENÇO Percebo que os loucos não têm ouvidos.

ROMEU Como poderiam ter, se os sábios não têm olhos?

FREI LOURENÇO Deixe-me falar sobre a sua situação...

ROMEU Como pode falar sobre aquilo que não sente? Se o senhor

ROMEU E JULIETA

fosse moço como eu, se Julieta fosse sua esposa há poucas horas, se tivesse assassinado Tebaldo, e apaixonado, e banido... então poderia falar alguma coisa, poderia arrancar os cabelos ou atirar-se no chão como eu faço agora, para que tirassem a medida da sepultura que ainda não foi aberta!

(Batem à porta)

FREI LOURENÇO Levante-se, Romeu! Estão batendo, esconda-se!

ROMEU Não! A menos que os gemidos de meu coração, como um nevoeiro, me escondam!

(Batem)

FREI LOURENÇO Escute, estão batendo de novo! Quem está aí? Romeu, levante-se, você pode ser preso! Esconda-se em meu quarto, corra! Meu Deus! Já vou indo!

(Batem)

Quem está batendo com tanta força? Quem é você? O que quer?

AMA *(de fora)* Deixem entrar porque tenho um recado. É da senhora Julieta.

FREI LOURENÇO Ah, bom! Então seja bem-vinda!

(Entra a ama)

AMA Oh, santo padre, por favor me diga: onde está o senhor de minha ama? Onde está Romeu?

FREI LOURENÇO Ali no chão, embriagado com suas próprias lágrimas!

AMA Oh, justamente o mesmo está acontecendo com minha senhora!

FREI LOURENÇO Que sintonia dolorosa! Que situação lamentável!

AMA Ela está justamente assim, deitada, chorando e lastimando-se, lastimando-se e chorando! Levante-se, seja homem! Pelo

amor de Julieta, levante-se e erga a cabeça! Por que ficar mergulhado em “ohs” tão profundos?

ROMEU Ama!

AMA Ah, meu senhor!... A morte é o fim de tudo.

ROMEU Está falando de Julieta? E ela? Ela está pensando que sou um assassino, que manchou a infância de nossa felicidade derramando o sangue de alguém tão próximo? Onde ela está? Como está? O que diz minha secreta esposa sobre nosso amor destruído?

AMA Ela não diz nada, senhor: apenas chora e chora; ora atira-se na cama; ora levanta-se, ora chama por Tebaldo, ora grita “Romeu”, ora torna a deitar-se...

ROMEU Como se este nome fosse um tiro de canhão que a matasse, como minha maldita mão matou seu primo! Responda-me, padre: em que parte vil de minha anatomia⁷⁶ mora meu nome? Responda-me, e não hesitarei em arrancar essa morada odiosa! (*saca o punhal*)

FREI LOURENÇO Pare com isso! Você não é homem? Sua postura diz que sim, mas suas lágrimas são de mulher e suas atitudes furiosas e selvagens são de um animal! Mulher deformada sob aparência de homem, ou animal monstruoso sob a forma de ambos!? Você me surpreende! Por meu hábito: sempre fiz outro juízo de seu temperamento. Não matou Tebaldo? Agora quer suicidar-se, quer matar a mulher que vive de sua vida, cometendo contra você mesmo esse ato de ódio? Por que insultar seu berço, o céu e a terra, se os todos, num momento, se encontraram em você? Quer perdê-los? Ora, você envergonha o próprio corpo, o amor, a inteligência,

76 *Anatomia*: o corpo humano.

pois é rico nos três e, como um usurário⁷⁷, não os usa de um modo digno, que honre o próprio corpo, o amor e a inteligência. Faltando o caráter, seu nobre corpo não passa de uma imagem de cera; seu caro amor não passa de um perjúrio, que mata o amor de quem você jurou cuidar; sua inteligência, esse adorno do amor e do corpo, é deturpada pela conduta de ambos, como a pólvora nas mãos de um soldado inexperiente, que se queima pela própria ignorância, pondo fogo justamente no que era a sua defesa. Levante-se, rapaz! A sua Julieta, aquela por quem você há pouco morria, está viva! Você tem sorte! Tebaldo queria matá-lo, porém você o matou antes! Não é sorte? A lei, que sentenciava morte nesses casos, mostrou-se amiga e amenizou sua pena em exílio! A sorte não lhe sorriu? Você não vê que carrega um fardo de venturas, que a felicidade, em suas mais belas vestes, tenta atrair você? Mas, como uma criança malcriada, você fica amuado e repele a sorte e o amor. Tome cuidado: quem age assim acaba mal. Vamos, levante-se! Vá ao encontro de sua amada, como estava combinado, sobe até seu quarto e leve a ela algum conforto. Mas tenha cautela, e saia de lá antes de começar a ronda. Caso contrário, você não poderá partir para Mântua, onde deve permanecer até que chegue a hora oportuna para anunciar o casamento, reconciliar suas famílias, obter o perdão do príncipe e trazê-lo de volta, duzentas mil vezes mais feliz do que as vezes em que se julgou desgraçado... Vá à frente, ama: dê minhas recomendações a Julieta, e peça-lhe que faça todos deitarem-se mais cedo, o que será fácil com a tristeza que sentem. Romeu irá em seguida.

⁷⁷ *Usurário*: pessoa que empresta dinheiro e cobra juros muito altos do devedor.

WILLIAM SHAKESPEARE

AMA Meu Deus, eu seria capaz de ficar aqui a noite toda ouvindo seus conselhos! Quanto vale a instrução! Eu direi a Julieta que o senhor irá.

ROMEU Sim, sim, diga-lhe que se prepare para ralar comigo.

AMA Aqui está um anel, senhor, que ela mandou lhe entregar. Por favor, vá depressa, que já está ficando tarde.

(Sai)

ROMEU Isto fortalece meu ânimo!

FREI LOURENÇO Agora vá, e boa noite. Não se esqueça do que vou dizer, pois sua felicidade depende disto: ou saia antes de iniciarem a ronda, ou no alvorecer, disfarçado. Permaneça em Mântua. Manterei contato com seu criado, e ele frequentemente o informará das boas novas que se passarem por aqui. Dê-me um aperto de mão. É tarde: adeus e boa noite.

ROMEU Se não fosse a alegria que estivesse me levando daqui, eu diria que sinto tristeza em separar-me do senhor. Adeus.

(Saem)

Cena 4

UMA SALA NA CASA CAPULETO

(Entram o senhor e a senhora Capuleto e Páris)

CAPULETO As coisas tomaram um rumo tão infeliz, senhor, que nem tivemos tempo de falar com nossa filha. Veja: ela gostava muito de Tebaldo, e nós também. Fazer o quê? Nascemos para morrer. Como já é tarde, ela não vai descer. Posso assegurar-lhe que, não fosse a sua companhia, nós já estaríamos na cama.

PÁRIS Tempos de morte não são próprios para se fazer a corte. Boa noite, minha senhora, e recomende-me à sua filha.

SENHORA CAPULETO Sem falta. Amanhã cedo falarei com ela. Hoje, ela está entregue à sua dor.

CAPULETO Senhor Páris, atrevo-me a garantir o amor de minha filha. Creio que ela se deixará guiar por mim em tudo, estou seguro. Vá ao quarto dela, mulher, antes de se recolher, e conte-lhe sobre o amor de Páris. Avise-a de que na próxima quarta-feira... Espere! Que dia é hoje?

PÁRIS Segunda, meu senhor.

CAPULETO Segunda?! Bem, quarta-feira parece-me cedo demais... É melhor quinta-feira. Diga-lhe que quinta-feira ela se casará com este nobre conde. Você estará preparado? Ou é cedo demais? Não faremos muito alarde, apenas alguns amigos. Afinal, Tebaldo morreu há tão pouco tempo... Que não pareça desrespeito a ele, que tão grande estima merecia. Por isso convidaremos apenas uma meia dúzia de amigos e nada mais. O que me diz da quinta-feira?

PÁRIS Gostaria que a quinta-feira fosse amanhã, senhor!

CAPULETO Então, pode ir. Que seja na quinta-feira. Fale com Julieta, mulher, antes de ir para a cama. Prepare-a para esse

WILLIAM SHAKESPEARE

casamento. Adeus, senhor. Iluminem meu quarto! Já é tão tarde, que quase se pode dizer que é cedo. Boa noite.

(Saem)

Cena 5

QUARTO DE JULIETA

(Entram Romeu e Julieta)

JULIETA Já vai partir? O dia ainda demora. Não foi a cotovia, mas o rouxinol que assustou seu ouvido temeroso. Todas as noites ele canta pousado na romãzeira: acredite, meu amor, foi o rouxinol.

ROMEU Foi a cotovia. É ela a mensageira da manhã, não o rouxinol. Olhe, meu amor, aquelas listras invejosas que cortam as nuvens do nascente: as tochas da noite se apagaram; o dia alegre já espanta a bruma do alto das colinas. Preciso ir e viver, ou ficar e morrer.

JULIETA Aquela claridade não é a luz do dia, tenho certeza! É algum meteoro que o sol exala, para ser seu guia e iluminar seu caminho para Mântua. Fique um pouco mais! Não é preciso partir tão cedo.

ROMEU Pouco importa que me prendam, que me matem! Ficarei feliz, se é este o seu desejo. Direi que aquela luz cinzenta não é o olho da manhã, mas o pálido reflexo da face de Cíntia⁷⁸... e que não são da cotovia as notas que feriram a abóbada celeste, tão alto acima de nós! Mais quero ficar do que partir. Venha, morte, e seja bem-vinda! Julieta quer assim! Então, meu amor? Podemos conversar, não é dia ainda!

ROMEU É dia, sim! Foge, depressa! Foi a cotovia que cantou desafinada, forçando acordes desarmônicos e agudos estridentes. Dizem que ela só produz harmonia, mas não, pois agora nos separa. Dizem que a cotovia e o sapo trocaram os olhos.

78 *Cíntia*: na mitologia greco-romana, um dos nomes dados à Lua, deusa cultuada no monte Cinto.

WILLIAM SHAKESPEARE

Queria que tivessem trocado a voz, porque essa voz nos ar-
ranca dos braços um do outro, levando você quando anuncia
o dia! Agora vá, que está cada vez mais claro!

ROMEU Cada vez mais claro?... Mais escuro o nosso infortúnio!

(Entra a ama)

AMA Senhora!

JULIETA Ama?

AMA Sua mãe está vindo para cá! O dia já nasceu, cuidado!

(Sai)

JULIETA Então, janela... deixe entrar o dia e sair minha vida!

ROMEU Adeus! Só mais um beijo e descerei!

(Romeu desce)

JULIETA Já se foi? Meu marido, meu amor, meu amigo! Quero
saber de você a toda hora, porque um minuto encerra muitos
dias. Por estes cálculos, serei anos mais velha quando tornar
a ver o meu Romeu!

ROMEU Adeus. Não vou perder nenhuma oportunidade de
mandar-lhe minhas lembranças, meu amor!

JULIETA Você acredita que nos veremos de novo?

ROMEU Não tenho dúvidas. As dores de hoje serão tema de doces
conversas no futuro.

JULIETA Oh, Deus! Minha alma está pressentindo o pior! Vendo
você aí embaixo, até parece que está morto, no fundo de um
túmulo! Ou meus olhos se enganam... ou você está pálido...

ROMEU Acredite, meu amor, você também me parece pálida. É a
aflição sedenta que bebe o nosso sangue... Adeus!

(Sai Romeu)

JULIETA Oh, sorte... dizem que você é inconstante! Se for mesmo
assim, o que vai fazer com meu Romeu, que é um exemplo
de constância? Seja inconstante, sorte... e em vez de mantê-
lo distante, traga-o de volta para mim.

ROMEU E JULIETA

SENHORA CAPULETO (*de dentro*) Você está acordada, filha?

JULIETA Quem está me chamando? É a senhora, mãe? Não se deitou ainda ou já se levantou tão cedo? Que importante assunto a traz aqui?

(*Entra a senhora Capuleto*)

SENHORA CAPULETO Então, como está, Julieta?

JULIETA Não estou bem, mãe.

SENHORA CAPULETO Ainda chorando pela morte do primo? Acha que suas lágrimas vão tirá-lo do túmulo? Mesmo que o tirassem, não o fariam reviver. Agora, deixe disso. Um pouco de tristeza demonstra muita afeição, mas tristeza sem fim indica pouco juízo.

JULIETA Deixem chorar por esta grande perda.

SENHORA CAPULETO Ora, você sente apenas a perda, e não o amigo por quem chora.

JULIETA Mas, sentindo tanto assim a perda, só me resta chorar pelo amigo.

SENHORA CAPULETO Sim, menina... Não chore mais a morte de Tebaldo do que a vida do infame que o matou.

JULIETA Que infame, mãe?

SENHORA CAPULETO O infame Romeu.

JULIETA (*à parte*) Que a infâmia e ele estejam a muitas milhas de distância. Que Deus o perdoe, como eu já o perdoei! Contudo, nenhum outro homem oprime meu coração como ele.

SENHORA CAPULETO É porque o assassino traidor ainda vive.

JULIETA Sim, e longe do alcance das mãos. Se eu pudesse, vingaria sozinha a morte de meu primo!

SENHORA CAPULETO Haveremos de nos vingar, não se preocupe. Não chore mais. Enviarei uma pessoa a Mântua, onde este renegado está vivendo, para lhe dar um veneno tão forte que ele depressa vá fazer companhia a Tebaldo. Espero que

assim você fique satisfeita.

JULIETA Eu nunca ficarei satisfeita sem vê-lo à minha frente, morto. É assim que meu coração lamenta a morte de um primo. Oh, mãe, se a senhora pudesse encontrar alguém que levasse esse veneno, eu mesma o prepararia, para que Romeu, logo ao tomar a primeira gota, repousasse em paz. Meu coração sofre ao ouvir seu nome, sem poder ir até ele e vingar o amor que eu sentia por Tebaldo no corpo daquele que o matou!

SENHORA CAPULETO Encontre os meios, que eu encontrarei tal pessoa. Agora, filha, vamos conversar de coisas alegres.

JULIETA A alegria é bem-vinda em tempo de tanta tristeza. Quais as boas novas, mãe?

SENHORA CAPULETO Você tem um pai zeloso, filhinha. Um pai que, para afastá-la da tristeza, acaba de preparar um dia de felicidade que você nunca poderia imaginar, nem eu poderia prever.

JULIETA Que dia será esse, mãe?

SENHORA CAPULETO O dia do casamento, filha! Na próxima quinta-feira, na igreja de São Pedro, o jovem conde Páris irá torná-la a mais feliz das noivas!

JULIETA Por São Pedro e sua igreja, ele não me fará uma noiva feliz. Por que tanta pressa? Devo me casar antes mesmo que o futuro marido me faça a corte? Eu lhe peço, mãe, diga ao senhor meu pai que eu não quero me casar ainda. E, quando chegar a hora, juro que preferiria escolher Romeu, que tanto odeio, como a senhora sabe, do que Páris. Eram essas as boas novas...

SENHORA CAPULETO Seu pai vem vindo. Diga você mesma, e veremos qual será sua reação.

(Entram Capuleto e a ama)

CAPULETO Ao pôr-do-sol, o céu chuveja orvalho; no ocaso⁷⁹ do filho de meu irmão, chove torrencialmente. Então, menina, você mais parece uma goteira... Que chuva de lágrimas é essa? Como pode um corpo pequenino querer ser um barco, um mar, um vento? Pois seus olhos são como o mar, com sua maré de prantos; seu corpo é o barco nesse mar salgado; seus suspiros são o vento que, sempre em luta com as lágrimas, tenta afundar seu frágil corpo tão maltratado pela tempestade... se não ocorrer a tempo calmaria. E então, mulher? Falou com ela sobre nossa decisão?

SENHORA CAPULETO Sim. Mas ela recusa e agradece-lhe. Quiserá que essa tola se casasse com seu túmulo!

CAPULETO Devagar, mulher, para que eu acompanhe bem o seu discurso. Ela recusa?! E ainda nos agradece? Não será orgulhosa? Não se julga feliz o bastante com o noivo que lhe arranjamos, um cavalheiro tão digno?

JULIETA Não me sinto orgulhosa, mas agradecida. Não posso orgulhar-me do que odeio, mas dizer “obrigada” a um ódio que significa amor.

CAPULETO O quê? Que história é essa, ó filósofa? Sente-se e não se sente orgulhosa, agradece e não agradece?... Fique sabendo, senhorita: agradecendo ou não, sentindo orgulho ou não, vá aprontando suas perninhas para, na quinta-feira, entrar com Páris na igreja de São Pedro. Caso contrário, eu a arrastarei até lá, nem que seja numa carroça. Ora, carniça de urubu! Cara de pau! Cara de sebo!

SENHORA CAPULETO Não fale assim! Ficou louco?

JULIETA Meu querido pai, eu suplico de joelhos: tenha paciência e ouça o que vou dizer.

79 *Ocaso*: pôr-do-sol; em sentido figurado, a morte.

CAPULETO Ora, vá se enforçar, tipinho à toa! Rebeldezinha! Eu lhe digo: vá quinta-feira à igreja ou nunca mais me olhe de frente! Não fale, não conteste, não responda: eu sinto cócegas nos dedos! E nós que pensávamos ter pouca sorte, mulher, por Deus nos ter dado apenas esta filha... Mas agora vejo que foi até demais!... Desapareça da minha frente, vagabunda!

AMA Oh, que Deus do céu a abençoe! Não é justo, meu senhor, tratá-la desse modo.

CAPULETO Por quê, senhora sabichona? Melhor é guardar sua língua. Vá gastá-la com fofocas!

AMA Eu não disse nada de mal.

CAPULETO Vá para o inferno!

AMA Não se pode falar mais?

CAPULETO Chega, resmungona. Guarde seus conselhos para suas comadres, que não precisamos deles aqui!

SENHORA CAPULETO O senhor está muito nervoso...

CAPULETO Sacramento! É de enlouquecer! De dia, de noite, o tempo todo, no trabalho, no lazer, sozinho ou acompanhado, minha única preocupação era ver minha filha bem casada. Agora que arranjei um cavalheiro de nobre estirpe, jovem, rico, de fina educação, forrado, como se diz, de boas qualidades, um bom partido para as mais exigentes... tenho de ouvir essa resmungona choramingas, essa boneca lamurienta que me diz, quando a sorte lhe sorri: “Não quero casar”, “Sou muito nova”, “Não posso amar”, “Por favor, desculpe”... Se não quer se casar, não desculpo coisa nenhuma! E trate de procurar outro pasto, porque nesta casa não fica mais! Pense muito bem, estou falando sério. Quinta-feira está perto, consulte seu coração. Se é mesmo minha filha, será entregue a meu amigo; se não for, que vá se enforçar,

ROMEU E JULIETA

pedir esmola, morrer de fome na rua, pois eu juro, por minha alma, que jamais vou querer saber de você e jamais lhe darei nada do que é meu! Pense bem, porque não voltarei atrás em minha palavra.

(Sai)

JULIETA Não há piedade nas nuvens, para entender o fundo de minha dor? Oh, minha querida mãe, não me deixe! Adie este casamento por um mês, uma semana pelo menos! Se não for possível, prepare meu leito nupcial sobre o monumento... onde Tebaldo está sepultado!

SENHORA CAPULETO Não fale comigo, pois não direi uma palavra. Faça o que bem quiser, porque para mim você não significa mais nada.

(Sai)

JULIETA Oh, Deus! Ama, como impedir isso? Meu marido está na terra, minha fé no céu. Como essa fé pode voltar à terra, a menos que ele a envie do céu, deixando a terra? Diga algo, aconselhe-me, ama! Como pode o céu usar um tal estratégia para alguém tão frágil quanto eu? O que você diz? Nenhuma palavra de consolo, ama?

AMA Eu digo isto: Romeu foi banido, não voltará nunca mais, a não ser às escondidas. Estando as coisas nesse estado, parece-me mais razoável casar-se com o conde. Um cavaleiro tão amável! Romeu, ao lado dele, não passa de um trapo! Nem uma águia possui olhos tão verdes, penetrantes e belos como os de Páris! Que eu morra se esse segundo casamento não for melhor que o primeiro! Mesmo que assim não fosse, seu primeiro marido está morto, ou é como se estivesse, por viver aqui sem poder lhe servir em nada...

JULIETA Você está falando de coração?

AMA E também do fundo de minha alma. Que Deus me castigue

se não for.

JULIETA Amém...

AMA O quê?

JULIETA Você me ajudou maravilhosamente. Agora vá e diga a minha mãe que, por ter desagradado meu pai, fui à cela de Frei Lourenço para confessar e buscar absolvição.

AMA Vou já. Uma sábia decisão.

(*Sai*)

JULIETA Velha amaldiçoada! Demônio de ruindade! Que pecado é maior: levar-me à traição ou insultar meu esposo com a mesma língua que o exaltou milhares de vezes? Vá, conselheira: entre nós, de agora em diante, só há ruptura⁸⁰. Vou procurar o padre, que será capaz de dar-me uma solução. Se tudo falhar, só terei o recurso da morte.

(*Sai*)

80 *Ruptura*: separação.

QUARTO ATO

Cena 1

CELA DE FREI LOURENÇO

(Entram Frei Lourenço e Páris)

FREI LOURENÇO Quinta-feira, senhor? É muito cedo.

PÁRIS Meu sogro Capuleto quer assim, e não sou eu quem vai lhe dizer não.

FREI LOURENÇO Mas você disse que não sabe a opinião da noiva. Não acho justo encaminhar as coisas desse jeito! Não aprovo.

PÁRIS Ela chora sem parar pela morte de Tebaldo. Por isso é que não pude ainda lhe falar de amor. Vênus não sorri num palácio de lágrimas! O pai dela acha perigoso, com razão, que ela se entregue assim à tristeza, e apressa o casamento para estancar o dilúvio de lágrimas. Afinal, na solidão o sofrimento só se agrava, mas talvez possa abrandar-se em minha companhia. É esta a razão de tanta pressa.

FREI LOURENÇO *(à parte)* Quisera eu não saber os motivos que obrigam retardar esse casamento... *(alto)* Olhe, conde, aí vem chegando a menina!

(Entra Julieta)

PÁRIS Feliz encontro, querida esposa!

JULIETA Esposa? Talvez, se eu puder me casar...

PÁRIS Mas isso ocorrerá na próxima quinta-feira!

JULIETA O que tiver de ser, será.

FREI LOURENÇO Um dito muito certo.

PÁRIS Você veio confessar-se com Frei Lourenço?

JULIETA Dar-lhe uma resposta seria confessar-me com o senhor.

PÁRIS Então, não negue ao Frei que me ama.

JULIETA Confesso a você que amo alguém...

PÁRIS E vai dizer a ele que esse alguém sou eu, não é?

JULIETA Se tal fosse verdade, teria mais valor se eu o confessasse na sua ausência, e não na sua frente.

PÁRIS Pobre rosto marcado pelas lágrimas!

JULIETA Não foi grande a vitória das lágrimas, pois meu rosto já era feio antes.

PÁRIS Pois essa resposta o enfeia mais que as lágrimas!

JULIETA Não é calúnia alguma dizer a verdade, senhor.

PÁRIS Mas o seu rosto me pertence! Ofendendo-o, você me ofende.

JULIETA Pertence a você? Poder até ser, porque não é mais meu...
Padre, o senhor pode me atender agora ou devo voltar mais tarde, depois da missa?

FREI LOURENÇO Estou às suas ordens, minha preocupada menina. Peço ao senhor que nos deixe a sós agora.

PÁRIS Deus me livre de perturbar a devoção! Julieta, irei despertá-la na quinta-feira bem cedinho. Aceite este beijo puro!

(Sai)

JULIETA Feche a porta, padre, e venha chorar comigo! Não há esperança, nem remédio, nem socorro algum.

FREI LOURENÇO Eu já soube da desgraça, filha. E vai além de minhas forças. Ninguém pode impedir que você se case quinta-feira com esse conde.

JULIETA Não me fale da desgraça, padre, sem dizer que sabe um meio de evitar que tudo aconteça. Se, com toda a sua sabedoria, o senhor não encontra uma saída, ao menos chame de sábia minha resolução: este punhal poderá dar-me rapidamente o remédio de que preciso! Deus uniu meu coração ao de Romeu, e o senhor uniu nossas mãos. Antes que esta mão possa servir a outra aliança e que este coração fiel seja entre-

gue a um outro, este punhal dará fim a ambos! Dê-me imediatamente um conselho, ou então esta faca sangüinária será o juiz, decidindo entre mim e minha dor. Se sua experiência tem algo a dizer-me, padre, responda já! Se o que disser não apontar saída, prefiro dar fim à vida!

FREI LOURENÇO Pare, filha! Vislumbro uma esperança. Porém, ela exige uma execução desesperada, tão desesperada quanto esse punhal que desejamos evitar. Se você é capaz até mesmo de querer apunhalar-se para não se casar com o conde Páris, é provável também que, para fugir à morte, seja capaz de um sacrifício semelhante à própria morte. Se tiver essa ousadia, poderei salvá-la.

JULIETA Peça que eu me atire da torre da igreja, mas não me fale em casamento com o conde Páris! Ou então, mande-me andar por estradas perigosas, rastejar numa cova de serpentes; tranque-me numa jaula com ursos ou, de noite, num sepulcro cheio de ossos humanos, onde estremeçam tíbias⁸¹ e crânios descarnados; ordene que eu me deite num túmulo ainda fresco e que eu me cubra com a mesma mortalha do defunto. Padre, eu faria qualquer uma dessas coisas, que só de pensar me deixam trêmula da cabeça aos pés, para continuar sendo a esposa imaculada de meu amado!

FREI LOURENÇO Pois bem. Então vá para casa e mostre-se alegre e disposta a casar-se com o conde. Amanhã, que é quarta-feira, arranje um jeito de dormir sozinha, sem que a ama fique em seu quarto. Leve este frasco e, ao deitar-se para dormir, beba tudo! Você vai sentir um fluido frio e sonolento correr por suas veias... A respiração diminuirá, o pulso deixará de bater. Nada poderá atestar que você está viva: o

81 *Tíbia*: osso da perna.

rosto e os lábios ficarão pálidos como cinza; os olhos se fecharão como janelas, quando a morte apaga a luz da vida; os membros ficarão rígidos e frios como os de um morto. Quarenta e duas horas vai durar essa tétrica⁸² aparência de morte. Depois, você despertará como de um doce sonho. De manhã, quando o noivo chegar, todos acreditarão que está morta. Então, como é costume em nossa terra, você será vestida com belas roupas e levada, em cortejo aberto, ao mausoléu onde descansam em paz os Capuleto. Nesse meio tempo, escreverei uma carta a Romeu comunicando nosso plano, e ele chegará. Aguardaremos você despertar e, na mesma noite, Romeu a levará para Mântua. Isso livrará você da vergonha, a menos que algum medo feminino ou capricho do destino tire a sua coragem na última hora.

JULIETA Dê-me o frasco! E não me fale em medo!

FREI LOURENÇO Tome e vá logo: seja calma e firme em sua decisão. Vou mandar imediatamente um mensageiro a Mântua, com minha carta a seu marido.

JULIETA Que o amor me dê força, e tudo sairá bem. Adeus, querido padre!

(Saem)

82 *Tétrico*: muito triste, fúnebre, lúgubre.

Cena 2

UMA SALA NA CASA CAPULETO

(Entram Capuleto e senhora, ama e criados)

CAPULETO Convide todas as pessoas desta lista!

(Sai o primeiro criado)

E você aí, vá contratar uns vinte cozinheiros, dos melhores!

SEGUNDO CRIADO Não haverá nenhum cozinheiro ruim, senhor, porque eu só contratarei os que saibam lamber as pontas do dedos!

CAPULETO Que prova é essa?

SEGUNDO CRIADO Ora, senhor. É mau cozinheiro aquele que não lambe os dedos ao provar os pratos. Se não lamber, eu não contrato.

CAPULETO Está bem, vai logo.

(Sai o segundo criado)

Não seremos bem servidos desta vez... Afinal, minha filha foi à cela de Frei Lourenço?

AMA Foi, sim.

CAPULETO Talvez isso adiante alguma coisa. Ela é tão teimosa e petulante!

AMA Lá vem ela! Parece feliz com a confissão.

(Entra Julieta)

CAPULETO Então, sua teimosinha, por onde andou saracoteando?

JULIETA Por um lugar onde aprendi a arrepender-me do pecado da desobediência ao senhor e às suas ordens. Frei Lourenço aconselhou-me ajoelhar-me diante do senhor e pedir o seu perdão. É o que lhe peço! De hoje em diante, vou deixar-me conduzir pelo senhor em tudo.

CAPULETO *(à ama)* Mande chamar o conde e conte-lhe tudo. Quero ver esse enlace acontecer amanhã cedo!

JULIETA Encontrei o conde lá na cela de Frei Lourenço e manifestei, até onde permite a modéstia, a afeição que sinto por ele.

CAPULETO Isso me alegra muito! Bem; levante-se. É assim que deve ser. Preciso ver o conde. Ei, criado! Vá procurá-lo! Esse frade é mesmo louvável. Santo Deus, toda a cidade gosta muito dele!

JULIETA Ama, quer vir comigo ao meu quarto ajudar a escolher os enfeites mais adequados para a festa de amanhã?

SENHORA CAPULETO Mas até quinta-feira ainda tem tempo.

CAPULETO Não, ama, vá com ela. Iremos à igreja amanhã mesmo.

(Saem Julieta e a ama)

SENHORA CAPULETO Esses preparativos demoram. Já é quase noite!

CAPULETO Cuidarei de tudo, mulher, não se preocupe. Vá ver Julieta e ajudá-la a enfeitar-se. Não dormirei esta noite: serei dona de casa em seu lugar! Ei, rapazes! Mas já saíram todos? Eu mesmo vou procurar o conde Páris e dizer-lhe que se prepare para amanhã. Agora que esta menina criou juízo, meu coração está leve e feliz!

(Saem)

Cena 3

QUARTO DE JULIETA

(Entram Julieta e a ama)

JULIETA Sim, este vestido é o melhor... Mas, ama querida, eu lhe peço: deixe-me sozinha esta noite. Preciso fazer minhas orações, para conseguir boas graças do céu, pois minha alma, como você sabe, está angustiada e cheia de pecados.

(Entra a senhora Capuleto)

SENHORA CAPULETO Está bastante ocupada, não é, filha? Precisa de minha ajuda?

JULIETA Não, mãe, nós já escolhemos tudo para a cerimônia de amanhã. Agora, peço, deixe-me sozinha, e leve a ama para seu quarto, pois estou certa de que a senhora tem muito a fazer, com essa festa tão inesperada!

SENHORA CAPULETO Boa noite, então. Pode ir deitar-se, ama, e descansar. Você merece.

(Saem senhora Capuleto e ama)

JULIETA Adeus! Só Deus sabe quando nos veremos outra vez! Sinto passar por minhas veias um frio arrepiado de pavor, que quase extingue em mim o calor da vida. Vou chamá-las de novo, para me animar... Ama!... Mas o que ela poderia fazer? Tenho de representar sozinha o terrível papel. Vamos, frasquinho. E se a bebida não fizer efeito? Terei de me casar amanhã cedo? Nunca! Isto impedirá tal coisa. Fique aqui perto.

(Põe um punhal a seu lado)

E se for um veneno que o frade astutamente preparou para matar-me, temendo a desonra que lhe causaria se soubessem de meu outro casamento, com Romeu? Será? Não pode ser. Está provado que ele é um santo homem. Não posso ter um

pensamento tão ruim... E se eu acordar no túmulo, antes que Romeu venha me buscar? Que horror! E se eu ficar asfixiada, naquele antro⁸³ cuja boca não respira o ar puro, e morrer sufocada antes que meu Romeu possa chegar? Ou, se eu sobreviver, não será que a horrível imagem da noite e da morte, mais o próprio pavor do lugar, aquele antigo sepulcro onde estão amontoados há séculos os ossos de meus antepassados, onde Tebaldo, ainda ensangüentado, está apodrecendo em sua mortalha, onde, segundo dizem, em certas horas da noite os espíritos se encontram... Ai de mim! Não será que, acordando antes da hora, em meio àquele cheiro fétido e aos gritos da mandrágora⁸⁴ arrancada da terra, que enlouquecem as pessoas que os ouvem... Não ficarei também louca, vendo-me cercada de tantos horrores? E, enlouquecida, não serei capaz de brincar com as ossadas de meus antepassados, de arrancar da mortalha o corpo mutilado de Tebaldo, de me servir do osso de algum avô para com ele esmagar meu próprio crânio desesperado? Oh, já estou vendo a alma de Tebaldo a procurar Romeu, que lhe varou o peito com uma espada! Pare, Tebaldo, pare! Romeu, Romeu, Romeu! Eis o frasco. Eu bebo por você!

(Bebe o líquido e atira-se na cama)

83 *Antro*: recinto fechado e escuro.

84 *Mandrágora*: planta muito usada em feitiçaria na Antigüidade e na Idade Média. Supunha-se que emitisse um grito quando despontava do solo e que deixasse louco aquele que a arrancasse.

Cena 4

SALA DA CASA CAPULETO

(Entram senhora Capuleto e a ama)

SENHORA CAPULETO Pegue as chaves, ama, e traga mais especiarias.

AMA Estão pedindo mais marmelo e tâmaras na copa.

(Entra Capuleto)

CAPULETO Vamos, depressa! O galo já cantou duas vezes, e o toque da alvorada já soou três horas! Atenção com os assados, boa Angélica: não adianta economizar!

AMA Vá deitar-se, senhor dono de casa! Aposto que ficará doente se passar a noite assim em claro.

CAPULETO Que nada! Já passei muitas noites em claro por motivos bem menos importantes, sem ficar indisposto!

SENHORA CAPULETO É, você aprontava as suas, nos bons tempos; mas agora eu vigio suas vigílias⁸⁵.

(Saem a senhora Capuleto e a ama)

CAPULETO A ciumenta!

(Entram criados com espetos, lenhas e cestos)

Ei, o que você traz aí?

PRIMEIRO CRIADO Não sei, senhor; são coisas para a cozinha.

CAPULETO Depressa! Depressa!

(Sai o primeiro criado)

E você, vá arranjar mais lenha seca! Pergunte ao Pedro, que sabe onde é que tem.

SEGUNDO CRIADO Eu tenho cabeça, senhor, para encontrar eu mesmo a lenha. Não vou incomodar o Pedro para isso.

(Sai)

85 *Vigília*: estado de quem, durante a noite, permanece acordado.

WILLIAM SHAKESPEARE

CAPULETO Essa é boa! Ha, ha! Um belo cara-de-pau! Só pode carregar lenha mesmo! Nossa, já é dia! O conde deve estar chegando com os músicos, que disse que traria. Estou ouvindo-os.

(Ouve-se música)

Mulher! Ama! Venham!

(Entra a ama)

Vá ajudar Julieta a vestir-se, enquanto eu fico aqui com o conde Páris. Apresse-se, o noivo já chegou! Eu disse, apresse-se!

(Saem)

Cena 5

QUARTO DE JULIETA

(Entra a ama)

AMA Menina! Senhorita Julieta! Aposto que ainda está dormindo! Senhorita! Vamos acordar, dorminhoca! Noivinha! Meu bem! Não diz uma palavra? Está dormindo tudo adiantado, por uma semana! Pois estou certa de que esta noite o conde Páris não vai deixar você dormir quase nada! Que Deus me perdoe, amém! Mas como ela dorme pesado! Preciso acordá-la. Senhora, senhora! Espere o conde vir tirá-la da cama: que susto você vai tomar! Mas como? Já vestida? Arrumou-se e deitou-se outra vez? Preciso acordá-la! Senhorita! Senhorita! Vamos!... Oh, meus Deus! Socorro! Socorro! Ela está morta! Maldito o dia em que nasci! Um gole de aguardente! Meu senhor! Minha senhora!

(Entra a senhora Capuleto)

SENHORA CAPULETO Que gritaria é essa?

AMA Oh, dia desgraçado!

SENHORA CAPULETO O que aconteceu?

AMA Veja, veja! Oh, dia funesto!

SENHORA CAPULETO Oh! Minha filha! Minha única filha!
Acorde e olhe para mim, ou morrerei também! Socorro!
Chame ajuda!

(Entra Capuleto)

CAPULETO Que vergonha! E Julieta? O noivo já chegou.

AMA Ela faleceu... Ela está morta. Oh, dia desgraçado!

CAPULETO Mas como? Deixe-me vê-la! Oh, ela está fria! O sangue já não corre, os membros estão rígidos. Há muito que a vida fugiu destes lábios. A morte caiu sobre ela como a geada sobre a flor mais sensível do campo.

AMA Oh, dia deplorável!

SENHORA CAPULETO Que momento cruel!

CAPULETO A morte, que a levou para me fazer gemer, trava-me a língua e não me deixa pronunciar palavra...

(Entram Frei Lourenço, Páris e músicos)

FREI LOURENÇO Então, a noiva já está pronta para a igreja?

CAPULETO Pronta para ir, mas jamais para voltar. Oh, meu filho, na véspera do seu dia de núpcias, o fantasma da morte deitou-se com sua noiva: agora ali está ela, ainda flor, mas deflorada⁸⁶ por ele. O fantasma da morte é meu genro, é meu herdeiro, minha filha casou-se com ele. Morrerei e deixarei tudo para ele: a vida, os bens, tudo para a Morte.

PÁRIS Eu, que esperei tanto por ver esta manhã, agora vejo uma manhã assim?!

SENHORA CAPULETO Maldito dia, infeliz, desgraçado, odioso! A hora mais triste que o tempo, em sua longa e trabalhosa peregrinação, já viu! Minha pobre filha, minha única e amada filha, meu único consolo, minha alegria... E a morte cruel a leva de minha vista!

AMA Oh, dia triste! Meu Deus, que dia mais triste!... Que dia lamentável! Triste e lamentável! Que dia! Nunca vi um dia tão negro e sombrio em minha vida! Que dia infeliz!

PÁRIS Enganado, divorciado, desprezado, destruído... Oh, Morte detestável, fui enganado por você, arruinado por sua crueldade! Oh, amor, oh, vida! Não, vida, não: amor e morte!

CAPULETO Desamparado, desolado, odiado, martirizado, morto! Oh, tempo atroz, por que você veio matar a nossa festa, matando a razão dela? Oh, minha filha! Minha própria alma! Minha filha está morta, e com ela será enterrada minha ale-

86 *Deflorar*: desvirginar, tirar a virgindade.

gria!

FREI LOURENÇO Calma, por favor! Não é com desespero que se resolvem as coisas! Esta menina linda era em parte de vocês, e em parte do céu. Agora é toda do céu, e assim é melhor para ela. A parte que lhes cabia a morte levou; mas a parte do céu pode ser conservada na eternidade. Vocês sempre quiseram a sua glória: era o céu de vocês vê-la elevada. Agora que ela está além das nuvens, elevada ao céu, vocês choram? É assim que amam sua filha, desesperando-se ao ver que ela está bem? Uma mulher bem casada não é a que vive por muito tempo casada, mas aquela que, casada, morre cedo. Enxuguem seu pranto; cubram com rosmaninho seu lindo corpo e, como é de costume, levem-na à igreja em suas vestes mais belas. Embora a fraca natureza nos leve a chorar, a razão sorri das lágrimas da tristeza.

CAPULETO Tudo o que estava preparado para a festa será usado para o negro funeral: os instrumentos soarão melodias tristes; o banquete de casamento será um jantar fúnebre; os hinos solenes serão cantos de dor; as flores nupciais enfeitarão o cadáver; tudo será transformado em seu contrário.

FREI LOURENÇO Convém sair, senhor! Acompanhe-o, senhora! É melhor ir também, senhor Páris! Preparem-se para levar este belo corpo ao túmulo. Talvez o céu esteja punindo vocês por algum pecado: não contrariem o céu, pois é essa sua suprema vontade.

(Saem Capuleto, senhora Capuleto, Páris e Frei Lourenço)

PRIMEIRO MÚSICO Acho que podemos enfiar a viola no saco e tocar em frente.

SEGUNDO MÚSICO É, podemos ir embora...

AMA Acho que sim, meus bons rapazes, pois como vocês viram, trata-se de um caso doloroso.

(Sai)

PRIMEIRO MÚSICO Para falar a verdade, não é lá dos melhores...

(Entra Pedro)

PEDRO Músicos, ó seus músicos, “Alegria do coração”!... Se que-rem me ver animado, toquem “alegria do coração”!

PRIMEIRO MÚSICO Por que “Alegria do coração”?

PEDRO Ah, seus músicos, porque meu coração está tocando “Tristeza do coração”. Toquem alguma melodia suave para confortar-me.

PRIMEIRO MÚSICO Nada de melodias. Não é hora de tocar.

PEDRO Não vão tocar?

PRIMEIRO MÚSICO Não!

PEDRO Então, vão ver a melodia que vou lhes dar...

PRIMEIRO MÚSICO O que é que vai nos dar?

PEDRO Não é dinheiro, garanto, mas uma outra moeda. Vou mostrar a vocês o menestrel!

PRIMEIRO MÚSICO E eu vou mostrar a você o lacaio!⁸⁷

PEDRO Cuidado, então, se não eu enterro o facão do lacaio na sua cachola⁸⁸! E não vou lhes dar moleza: vou pôr vocês de *ré* e não vou ter *dó*! Tomaram *nota*?

PRIMEIRO MÚSICO De *ré* e sem *dó*? Devolveremos no mesmo tom!

SEGUNDO MÚSICO Quer fazer o favor de guardar o facão e sacar o espírito?

PEDRO Cuidado com meu espírito! Eu guardo o meu facão afiado, mas vou malhar vocês com meu espírito agudo! Respondam, se forem homens:

Quando a dor cortante o coração maltrata

87 *Lacaio*: criado que acompanha o patrão nos passeios.

88 *Cachola*: expressão popular para designar “cabeça”.

ROMEU E JULIETA

*e tristes gemidos ferem nossa alma,
apenas a música e seus sons de prata...*

Por que “sons de prata”? Por que “a música e seus sons de prata”?
Por quê, Simão Violão?

PRIMEIRO MÚSICO Ora, meu senhor, porque a prata tem um
som suave.

PEDRO Bom! E o que você diz, Crispino Violino?

SEGUNDO MÚSICO Acho que o som é de prata porque os músi-
cos tocam por dinheiro!

PEDRO Muito bom! E o que diz você, Jaiminho Quietinho?

TERCEIRO MÚSICO Juro que não sei o que dizer.

PEDRO Oh, desculpe! Esqueci que você é o cantor... Vou respon-
der por você. A música tem sons de prata porque os músicos
jamais ganham ouro com suas notas! Ha, ha, ha!

*...Apenas a música e seus sons de prata
rápido nos trazem outra vez a calma!*

(Sai)

PRIMEIRO MÚSICO Que peste de sujeito!

SEGUNDO MÚSICO Ele que se dane! Venha, vamos lá para den-
tro. A gente espera os chorões... e fica para jantar.

(Saem)

WILLIAM SHAKESPEARE

QUINTO ATO

Cena 1

MÂNTUA. UMA RUA

(Entra Romeu)

ROMEU Se eu pudesse acreditar na visão lisonjeira⁸⁹ do sono, o meu sonho de hoje me diria que vou ter uma boa notícia. O amor, senhor do meu peito, está sentado em seu trono, e durante todo o dia um singular entusiasmo ergueu-me em pensamentos leves. Sonhei que a minha amada chegou e encontrou-me morto. (Estranho sonho, que deixa um homem morto pensar!) E com beijos tão vivos me beijou os lábios, que eu ressuscitei e tornei-me um imperador. Ah, como deve ser doce ter presente o próprio amor, se somente a sombra desse amor já é tão venturosa!

(Entra Baltasar)

Notícias de Verona! Então, Baltasar!?! Traz-me carta do padre? Como está minha amada? E meu pai, está bem? Pergunto de novo: como está Julieta? Porque nada pode estar mal se ela está bem.

BALTASAR Então ela está bem, e nada mais pode estar mal. Seu corpo jaz no mausoléu dos Capuleto, e sua parte imortal vive com os anjos. Vi quando a depuseram no túmulo da família e vim correndo para lhe contar. Perdoe-me por trazer tão más notícias; apenas quis cumprir as ordens que me deixou, senhor.

ROMEU É assim? Pois eu as desafio, estrelas! Você sabe onde eu moro: leve-me papel e tinta e alugue dois cavalos. Partirei

89 *Lisonjeiro*: aquele que procura agradar com elogios, gentil.

ROMEU E JULIETA

esta noite.

BALTASAR Por favor, tenha calma. O senhor está pálido e tem um ar desvairado; eu temo alguma desgraça.

ROMEU Você está enganado. Agora deixe-me, e faça o que lhe pedi. Não tem mesmo nenhuma carta do padre para mim?

BALTASAR Não, meu senhor.

ROMEU Não faz mal. Pode ir, e alugue os cavalos. Eu vou em seguida.

(Sai Baltasar)

Bem, Julieta, dormirei a seu lado esta noite. Procuraremos os meios... Oh, destruição, como é ligeira em entrar no pensamento dos desesperados! Lembro-me de um boticário,⁹⁰ que trabalha aqui nos arredores. Outro dia mesmo o vi, maltrapilho, de cara fechada, a separar suas ervas. Tão magro, que a miséria parecia ter-lhe roído até os ossos. Na sua pobre lojinha, tem dependurados uma tartaruga, um jacaré empalhado e outras peles de peixes monstruosos; nas prateleiras, pilhas de caixinhas vazias, potes de barro verde, bexigas, sementes podres, restos de barbante, velhos emplastos de rosa, tudo espalhado para fazer vista. Ao ver tanta penúria, pensei comigo mesmo que se alguém precisasse de um veneno, cuja venda aqui em Mântua é proibida sob pena de morte, ali estava um pobre diabo que o venderia. Este pensamento renunciou minha necessidade, e agora este necessitado vai vender-me a droga! Se bem me lembro, deve ser esta a casa. Como é feriado, a loja do miserável está fechada... Olá! Ó boticário!

(Entra o boticário)

BOTICÁRIO Quem está chamando tão alto?

90 *Boticário*: preparador e vendedor de medicamentos na botica; farmacêutico.

ROMEU Venha cá, amigo. Vejo que você é pobre. Tome estes quarenta ducados⁹¹ e arranje-me uma dose bem forte de veneno, algo que se espalhe tão rápido nas veias do infeliz cansado de viver que ele caia morto imediatamente, e que o último alento⁹² se aparte de seu corpo tão depressa quanto a pólvora acesa sai das entranhas fatais de um canhão.

BOTICÁRIO Eu tenho essa droga, mas a lei de Mântua condena à morte quem a vende.

ROMEU Tão pobre e cheio de miséria, e ainda tem medo de morrer? A fome está em seu rosto; a necessidade e a opressão lêem-se em seu olhar; a indignação e a humilhação pesam nas suas costas. O mundo não se mostra seu amigo, nem a lei do mundo: o mundo não tem lei para fazê-lo rico! Deixe de ser pobre, afronte a lei, tome isto!

BOTICÁRIO É minha pobreza que aceita, não minha vontade...

ROMEU Eu compro a sua pobreza, e não a sua vontade.

BOTICÁRIO Misture isto em um líquido qualquer e beba de uma vez. Mesmo se você tivesse a resistência de vinte homens, cairia morto na hora.

ROMEU Aqui está seu ouro. É um veneno pior para a alma dos homens, causando nesse mundo odioso mais mortes do que essas pobres poções que você não pode vender. O que eu lhe deixo é veneno, não o que levo. Adeus! Compre comida e trate de engordar. Remédio, e não veneno, venha comigo ao túmulo de Julieta! É lá que vou precisar de você.

(Sai)

91 *Ducado*: no passado, nome da moeda de vários lugares.

92 *Alento*: suspiro, respiração.

Cena 2
CELA DE FREI LOURENÇO

(Entra Frei João)

FREI JOÃO Salve, irmão franciscano! Olá, irmão!

(Entra Frei Lourenço)

FREI LOURENÇO Parece a voz de Frei João. Seja bem-vindo! Como foi em Mântua? O que Romeu disse? Se ele preferiu escrever-me, dê-me a carta.

FREI JOÃO Fui procurar um irmão da nossa ordem de pés descalços, que costuma visitar os doentes da cidade, para acompanhar-me. Assim que o encontrei, fomos detidos pelos guardas da cidade, pois suspeitaram que tivéssemos visitado uma casa infestada pela peste. Fecharam as portas e não nos deixaram sair, de modo que minha pressa de ir a Mântua ficou parada...

FREI LOURENÇO Quem levou minha carta para Romeu, então?

FREI JOÃO Não pude remetê-la; aqui está ela. Também não pude achar um mensageiro que a levasse, pois andam todos com pavor da infecção.

FREI LOURENÇO Que falta de sorte! Por nossa santa ordem, essa carta não era insignificante! Continha informações muito importantes, e seu atraso pode ter sérias conseqüências! Frei João, vá depressa arranjar uma alavanca de ferro e traga aqui, à minha cela.

FREI JOÃO Irmão, vou e volto num minuto.

(Sai)

FREI LOURENÇO Agora terei de ir sozinho ao mausoléu. Daqui a três horas Julieta despertará e vai censurar-me muito porque Romeu não foi avisado de tudo o que aconteceu. Mas vou escrever de novo a Mântua, e escondê-la em minha cela até

WILLIAM SHAKESPEARE

Romeu chegar. Pobre enterrada viva, enclausurada numa
sepultura sem morrer!

(Sai)

Cena 3

UM CEMITÉRIO. MAUSOLÉU DOS CAPULETO

(Entram Páris e pajem, com flores e uma tocha)

PÁRIS Dê-me a tocha, rapaz; afaste-se e espere. Ou melhor, apague-a, porque não quero ser visto. Fique deitado ali, de baixo dos ciprestes, com seu ouvido encostado no chão oco: assim, ninguém andar­á no cemitério sem que você ouça os passos, tão revolvido e fofo está o terreno, escavado para as sepulturas. Assobie para mim, se ouvir alguém se aproximando. Agora dê-me essas flores e faça o que eu disse.

PAJEM *(à parte)* Tenho um pouco de medo de ficar sozinho no cemitério. Em todo caso, vou arriscar.

(Sai)

PÁRIS Ó doce flor, venho espalhar flores em seu leito nupcial! É de pó e pedra o seu dossel⁹³? Toda noite virei regá-lo com água doce, ou, se não tiver, com lágrimas destiladas de meu pranto. Assim vou celebrar suas exéquias⁹⁴: vindo aqui todas as noites trazer flores e chorar.

(O pajem assobia)

O criado está me avisando que alguém se aproxima. Que sacrílegos pés vêm aqui de noite perturbar minhas homenagens e meu ritual de amor? O quê? Uma tocha! Esconda-me, noite, por favor!

(Sai. Entram Romeu e Baltasar, com tocha, picareta e alavanca)

ROMEU Dê aqui a picareta e a barra de ferro. Tome, fique com esta carta. Amanhã cedo, entregue-a ao senhor meu pai. Dê-

93 *Dossel*: armação ornamental, forrada e franjada que se põe sobre os leitos luxuosos.

94 *Exéquias*: cerimônias ou honras fúnebres.

me a tocha. Agora eu lhe peço, por sua vida: não importa o que você veja ou ouça aqui, mantenha-se afastado e não interrompa o meu trabalho. Se eu desço a este leito de morte, em parte é para contemplar o rosto de minha amada, mas sobretudo para tirar de seu dedo um precioso anel, que quero utilizar para um fim importante. Agora, vá. Se, por curiosidade, você voltar para ver o que estou fazendo, eu juro que cortarei você em pedaços e cobrirei o chão deste faminto cemitério com seus membros. Minhas intenções são selvagens como este momento: mais ferozes e mais inexoráveis do que um tigre faminto ou do que o mar furioso.

BALTASAR Já estou indo, senhor, e não vou perturbá-lo.

ROMEU Assim você demonstrará sua amizade. Tome isto; viva e seja feliz. Adeus, bom amigo.

BALTASAR (*à parte*) Apesar de tudo, vou me esconder aqui perto. Temo seu olhar e desconfio das suas intenções.

(*Sai*)

ROMEU Oh antro detestável, ventre da morte que trouxe o mais precioso manjar⁹⁵ da terra, eu o obrigo a escancarar suas mandíbulas podres (*arrombando a sepultura*) e contra sua vontade o faço engolir mais alimento!

PÁRIS É o arrogante e desterrado Montéquio, que assassinou o primo de Julieta! Foi por esse sofrimento, dizem, que a linda criatura morreu. E decerto ele veio aqui para cometer alguma vilania contra esses cadáveres. Mas vou impedi-lo.

(*Adianta-se*)

Pare com seu sacrílego trabalho, vil Montéquio! Quer levar a vingança além da morte? Vilão desprezível, esteja preso: obedeça e venha comigo, porque você deve morrer!

95 *Manjar*: prato delicado e apetitoso.

ROMEU E JULIETA

ROMEU De fato, eu devo morrer. Vim aqui para isso. Gentil rapaz, não provoque um homem desesperado: fuja daqui, me deixe. Pense nos que se foram, para que a lembrança deles o amedronte. Eu lhe suplico, rapaz, não me faça acumular mais um pecado nas costas, atijando-me a fúria: vá embora! Acredite que eu o estimo mais do que a mim, pois vim aqui armado contra mim mesmo. Não demore, vá embora! Viva, e depois diga a todos que a piedade de um louco o fez fugir.

PÁRIS Recuso seus pedidos e o prendo como criminoso!

ROMEU Vai me provocar? Então defenda-se!

(Duelam)

PAJEM Meu Deus, estão lutando! Vou chamar o guarda.

(Sai)

PÁRIS Ai, estou morto!... *(cai)* Se você for piedoso, abra o sepulcro e deite-me com Julieta.

(Morre)

ROMEU Prometo que sim. Mas... deixe-me ver este rosto: o nobre conde Páris, o parente de Mercúcio! O que foi mesmo que disse meu criado no caminho, quando minha alma atormentada não pôde lhe dar atenção? Se não me engano, disse-me que Páris se casaria com Julieta... Disse? Ou sonhei? Ou estou louco, imaginando tais coisas só por ter ouvido falar de Julieta? Dê-me sua mão, pois, assim como eu, você foi inscrito no livro dos infortúnios! Vou sepultá-lo num túmulo glorioso. Túmulo? Não, pobre vítima, mas um farol! Porque aqui jaz Julieta, e sua beleza faz desta cova um salão resplandecente de luz. Deite-se aqui, ó morto, um outro morto o enterra.

(Depõe o corpo de Páris no túmulo)

Quantas vezes, na hora da morte, os homens ficam alegres? É o clarão da morte, dizem. Mas como posso comparar isto a

um clarão? Ó meu amor! Minha esposa! A morte, que sugou o mel de seu hálito, ainda não teve poder sobre a sua beleza. Você não foi derrotada: a flâmula⁹⁶ da beleza ainda tinge de carmim seus lábios e sua face, e o estandarte ⁹⁷pálido da morte não a cobriu. Tebaldo! Você está dormindo num lençol de sangue? Que favor maior eu posso lhe fazer do que matar, com a mão que tolheu sua juventude, este que foi seu inimigo? Perdoe-me, primo! Ah, Julieta querida, como você pode estar tão bela ainda? Será que o fantasma da morte, esse monstro horrível, se apaixonou por você e a escondeu aqui na escuridão para fazer de você sua amante? Com medo disso, eu vim protegê-la para sempre: nunca mais deixarei este palácio sinistro e tenebroso! Aqui, aqui mesmo ficarei, junto aos vermes que são seus servidores; aqui estabelecerei minha morada eterna, libertando do peso das estrelas funestas este corpo cansado do mundo. Meus olhos, olhem pela última vez! Meus braços, abracem pela última vez! E lábios, que são portas do alento, selem com um beijo legítimo este pacto a prazo com a morte voraz! Venha, amargo condutor; venha, nojento guia! Venha, piloto desesperado, agora atire de uma vez contra os rochedos seu barco fatigado das travessias do mar! Um brinde ao meu amor!

(Bebe o veneno)

Honesto boticário! Sua droga é eficaz! Agora, morro com um beijo!...

(Morre. Do outro lado do cemitério, entra Frei Lourenço com archote, alavanca e pá)

FREI LOURENÇO São Francisco seja meu guia! Quantas vezes

96 *Flâmula*: pequena bandeira.

97 *Estandarte*: bandeira de guerra.

ROMEU E JULIETA

meus velhos pés já não tropeçaram nos sepulcros? Quem está aí?

BALTASAR Alguém que é seu amigo e que o conhece bem.

FREI LOURENÇO Deus o abençoe. Mas me diga, bom amigo, que tocha é aquela lá, que em vão empresta seu lume aos vermes e às caveiras sem olhos? Ao que me parece, está no mausoléu dos Capuleto.

BALTASAR É verdade, santo padre. E lá está meu senhor, que é tão seu amigo.

FREI LOURENÇO Quem?

BALTASAR Romeu.

FREI LOURENÇO Há quanto tempo ele está lá?

BALTASAR Há mais de meia hora.

FREI LOURENÇO Venha comigo ao mausoléu.

BALTASAR Não me atrevo, senhor. Romeu pensa que eu fui embora; ele me ameaçou de morte se eu ficasse para espia-lo.

FREI LOURENÇO Então, fique; irei sozinho. Começo a temer que aconteça alguma desgraça.

BALTASAR Enquanto eu dormia debaixo deste cipreste, sonhei que meu senhor estava duelando com outro, e que meu senhor o matara...

FREI LOURENÇO Romeu!

(Adianta-se)

Meu Deus, meu Deus! Que sangue é este que mancha a entrada do sepulcro? O que significam estas espadas ensangüentadas e sem dono, caídas neste lugar de paz?

(Entra no jazigo)

Romeu! Como está pálido!... Quem mais? Também Páris? E banhado em sangue? Que hora implacável foi a culpada por tão cruel acontecimento? Ela está se mexendo...

(Julieta desperta)

JULIETA Ó, meu bom padre! Onde está meu senhor? Lembro-me bem onde eu deveria estar; e aqui estou. Mas onde está Romeu?

(Ruídos, de dentro)

FREI LOURENÇO Ouço um barulho. Senhora, saia deste ninho de morte, de contágio e de sono eterno. Um poder mais forte que nós contrariou nossos planos. Venha, vamos embora! Seu marido jaz em seus braços, morto, assim como Páris. Venha, vou levar você a um convento de irmãs religiosas. Não pergunte nada, porque aí vem a guarda. Vamos, Julieta! *(mais ruídos)* Não ouse esperar mais.

JULIETA Vá o senhor, porque eu não sairei daqui.

(Sai Frei Lourenço)

O que é isto? Um frasco, apertado na mão do meu fiel amor? Veneno, estou vendo: foi seu fim antes do tempo. Egoísta, bebeu tudo sozinho, sem deixar uma gota para meu alento! Beijarei seus lábios: quem sabe ainda encontro um resto de veneno, para salvar-me e morrer com um beijo...

(Beija-o)

Seus lábios ainda estão quentes!

PRIMEIRO GUARDA *(de dentro)* Vá na frente, rapaz. Qual é o caminho?

JULIETA Ouço barulho. Preciso ser rápida. Abençoado punhal!

(Apanha o punhal de Romeu)

Eis a sua bainha! *(apunhala-se)* Aí crie ferrugem e deixe-me morrer!

(Cai sobre o corpo de Romeu e morre.)

(Entra o guarda com o pajem de Páris)

PAJEM É ali, onde está acesa a tocha.

PRIMEIRO GUARDA O chão está ensangüentado. Dêem uma busca pelo cemitério e prendam todo aquele que encontra-

rem!

(Saem alguns dos guardas)

Que triste espetáculo! Aqui está o conde, assassinado; Julieta, coberta de sangue ainda quente, morta há pouco... Mas ela não tinha sido enterrada há dois dias? Vão avisar o príncipe e corram à casa dos Capuleto. Chamem também os Montéquio. Os outros devem continuar a busca.

(Saem outros guardas)

Podemos ver o chão em que morreram, mas não saberemos a razão destas mortes sem antes fazer uma séria perícia.

(Retornam alguns guardas, trazendo Baltasar)

SEGUNDO GUARDA É o criado de Romeu; estava aqui no cemitério.

PRIMEIRO GUARDA Mantenham-no preso até que chegue o príncipe.

(Retornam outros guardas, com Frei Lourenço)

TERCEIRO GUARDA Encontrei este frade que não pára de tremer, chorar e soluçar. Estava saindo do cemitério com esta pá e esta alavanca.

PRIMEIRO GUARDA Muito suspeito: prendam-no também.

(Entram o príncipe e sua comitiva)

PRÍNCIPE Que desgraça foi esta que tão cedo interrompeu nosso descanso matutino?

(Entram Capuleto com senhora e outros)

CAPULETO O que aconteceu para gritarem tanto por toda parte?

SENHORA CAPULETO Estão gritando pelas ruas: “Romeu!”, “Julieta!”, “Páris!” E todos correm aos berros em direção ao nosso mausoléu.

PRÍNCIPE Que terror é este que atordoia nossos ouvidos?

PRIMEIRO GUARDA Soberano senhor: ali jazem o conde Páris, assassinado; Romeu, morto; e Julieta, que já estava morta,

outra vez assassinada e ainda quente.

PRÍNCIPE Procurem, investiguem e descubram como se deu tamanho massacre.

PRIMEIRO GUARDA Aqui estão um frade e o criado de Romeu, que foram achados com instrumentos precisos para abrir sepulturas.

CAPULETO Meu Deus! Veja, minha esposa, como nossa filha sangra! Este punhal certamente enganou-se: seu lugar está vazio na cinta do Montéquio, e ele se alojou no peito de minha filha!

SENHORA CAPULETO Esta visão da morte é um sinal chamando minha velhice ao sepulcro.

(Entram Montéquio e outros)

PRÍNCIPE Venha até aqui, Montéquio. Você levantou-se cedo para ver seu filho e herdeiro, que ainda mais cedo acaba de deitar-se.

MONTÉQUIO Ah, senhor, minha esposa morreu esta noite. O destino de meu filho interrompeu-lhe a vida. Que outra desgraça conspira contra meus dias?

PRÍNCIPE Olhe e verá.

MONTÉQUIO Oh, seu mal-educado! Como se atreve a ir para o túmulo antes de seu pai?

PRÍNCIPE Parem por um momento com suas imprecações, até que possamos esclarecer esse mistério e descobrir as causas, os responsáveis, a verdadeira ligação dos fatos. Só então partilharei de sua dor e os acompanharei até a morte, se preciso for. Por enquanto, contenham-se, e deixem a desgraça ser escrava da paciência. Tragam os suspeitos.

FREI LOURENÇO Embora eu seja a pessoa menos capaz de cometer este horrível crime, sou o principal suspeito, pois a hora e o lugar depõem contra mim. Aqui estou, portanto,

ROMEU E JULIETA

pronto a acusar-me e defender-me, pois sou culpado e inocente ao mesmo tempo.

PRÍNCIPE Então conte de uma vez o que sabe sobre o caso.

FREI LOURENÇO Serei breve, porque o fôlego que me resta é curto demais para histórias compridas. Romeu, que ali está morto, era marido de Julieta; e ela, que ali está morta, era fiel esposa de Romeu. Eu mesmo os casei, e o dia das secretas núpcias foi também o dia fatal para Tebaldo, cuja morte imprevista baniu de Verona o recém-casado. Por ele, e não por Tebaldo, é que Julieta chorava. Vocês, para afastar dela essa tristeza, prometeram-na ao conde Páris e resolveram casá-la a contragosto. Então ela me procurou, desvairada, implorando-me que arranjasse um meio de evitar esse segundo casamento; caso contrário, daria fim à vida em minha própria cela. Usando de minha ciência, preparei-lhe um elixir do sono, que, de fato, produziu o efeito esperado, pois lhe deu uma aparência de morte. Nesse meio tempo, escrevi a Romeu, para que viesse até aqui, nesta noite fatal, ajudar-me a tirá-la do sepulcro temporário no momento exato em que cessasse o efeito da poção. Mas o portador de minha carta, Frei João, foi detido acidentalmente e, ontem à noite, devolveu-me a carta. Então, sozinho, vim aqui à hora prevista do seu despertar para retirá-la do mausoléu da família, com o intuito de levá-la e escondê-la em minha cela, até que pudesse avisar Romeu. Porém, quando cheguei, alguns minutos antes dela despertar, aqui jaziam mortos o nobre Páris e o fiel Romeu. Ela acordou. Pedi-lhe que saísse dali e aceitasse com resignação esta fatalidade. Nisso, um barulho fez com que eu me afastasse da tumba. Ela, desesperada, não quis vir comigo e, ao que parece, preferiu pôr fim à vida. É tudo o que sei. Sobre o casamento, a ama está a par. E se

algo foi mal sucedido por minha culpa, que a minha velhice, um pouco antes do tempo, seja sacrificada sob o rigor da mais severa lei.

PRÍNCIPE Todos sempre o consideramos um homem santo. Onde está o criado de Romeu? O que ele tem a dizer?

BALTASAR Levei a meu senhor a notícia da morte de Julieta, e ele veio correndo de Mântua para cá, para este mausoléu. Esta carta, ele pediu-me que entregasse amanhã cedo a seu pai. E ameaçou-me de morte se eu não me afastasse e não o deixasse sozinho no sepulcro.

PRÍNCIPE Deixe-me ver a carta. Onde está o pajem do conde, que chamou o guarda?

(O pajem avança)

O que seu patrão veio fazer neste lugar?

PAJEM Veio depositar flores no túmulo de Julieta, ordenando-me que ficasse afastado, como fiz. Daí, chegou um homem com uma tocha, para arrombar o mausoléu. De pronto, meu patrão sacou a espada contra ele, e eu fui correndo chamar os guardas.

PRÍNCIPE Esta carta confirma as palavras do frei, o desenrolar do amor, a notícia da morte de Julieta. Ele escreve ainda que comprou veneno de um pobre boticário, para vir morrer ao lado de Julieta, neste túmulo. Esses dois inimigos, onde estão? Capuleto! Montéquio! Vejam a maldição que pesa sobre seu ódio! O céu conseguiu matar suas alegrias com amor! E eu, por ter fechado os olhos para suas discórdias, perdi dois parentes. Todos fomos punidos!

CAPULETO Dê-me sua mão, irmão Montéquio. É a herança de minha filha, não posso pedir mais nada.

MONTÉQUIO Mas eu posso dar mais. Mandarei erguer uma estátua dela em ouro puro, para que, enquanto Verona existir,

ROMEU E JULIETA

nenhuma imagem seja mais honrada que a da fiel e sincera Julieta.

CAPULETO E mandarei fazer uma de Romeu, igualmente rica, para ficar ao lado de sua esposa. Pobres vítimas de nossa inimizade!

PRÍNCIPE Sombria paz esta manhã nos trouxe. O sol, de luto, não mostrará seu rosto. Vamos embora, temos muito que conversar destes tristes eventos. Uns serão punidos; outros, desculpados. Jamais houve história mais triste do que esta de Julieta e de Romeu.

(Saem)

FIM